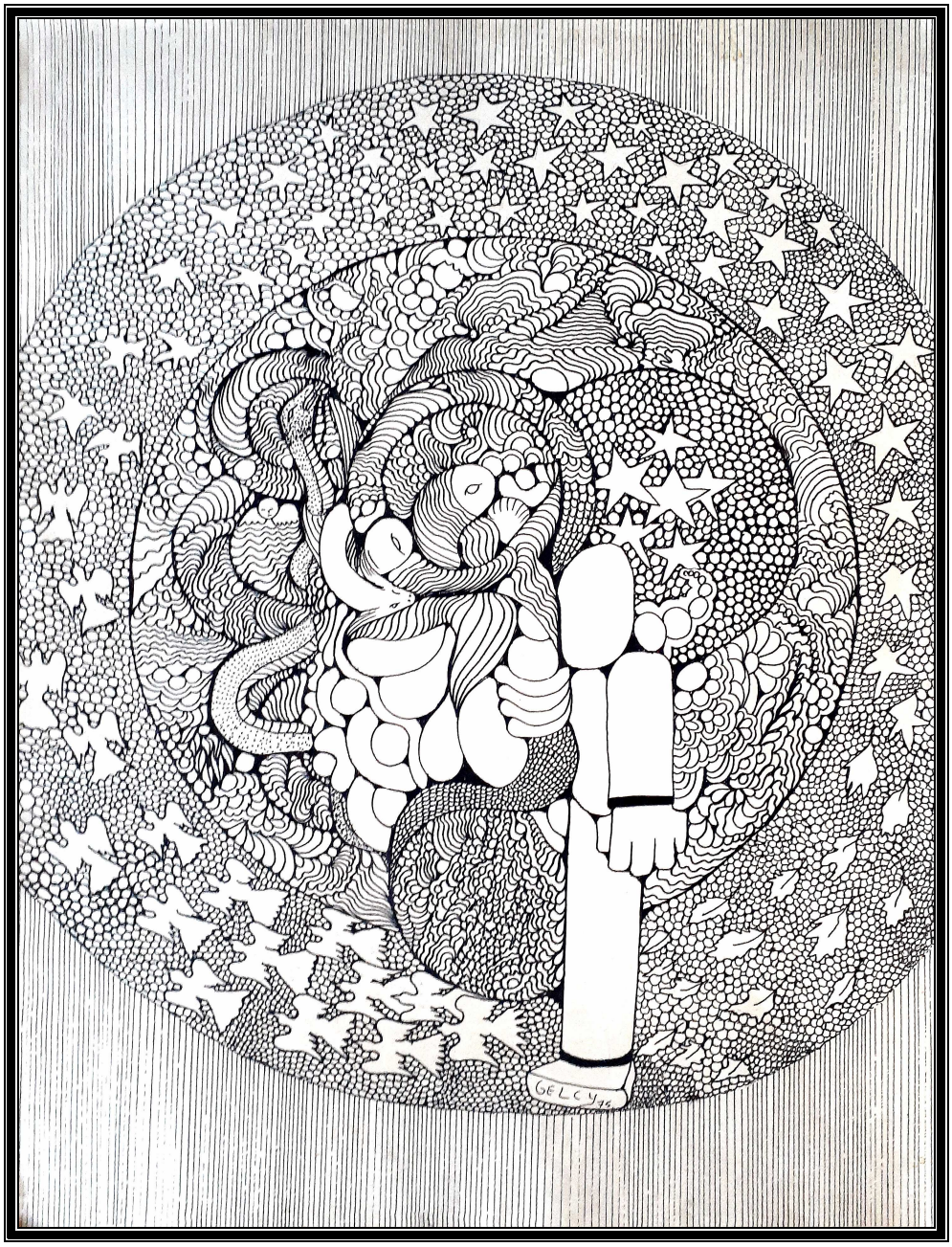
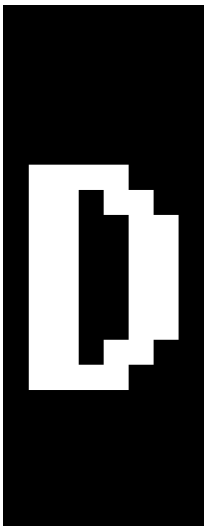
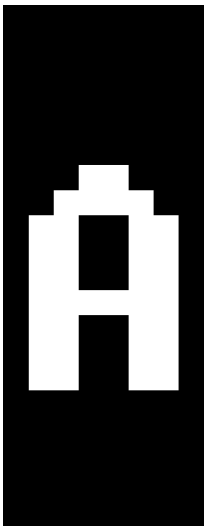
ANACRONIA

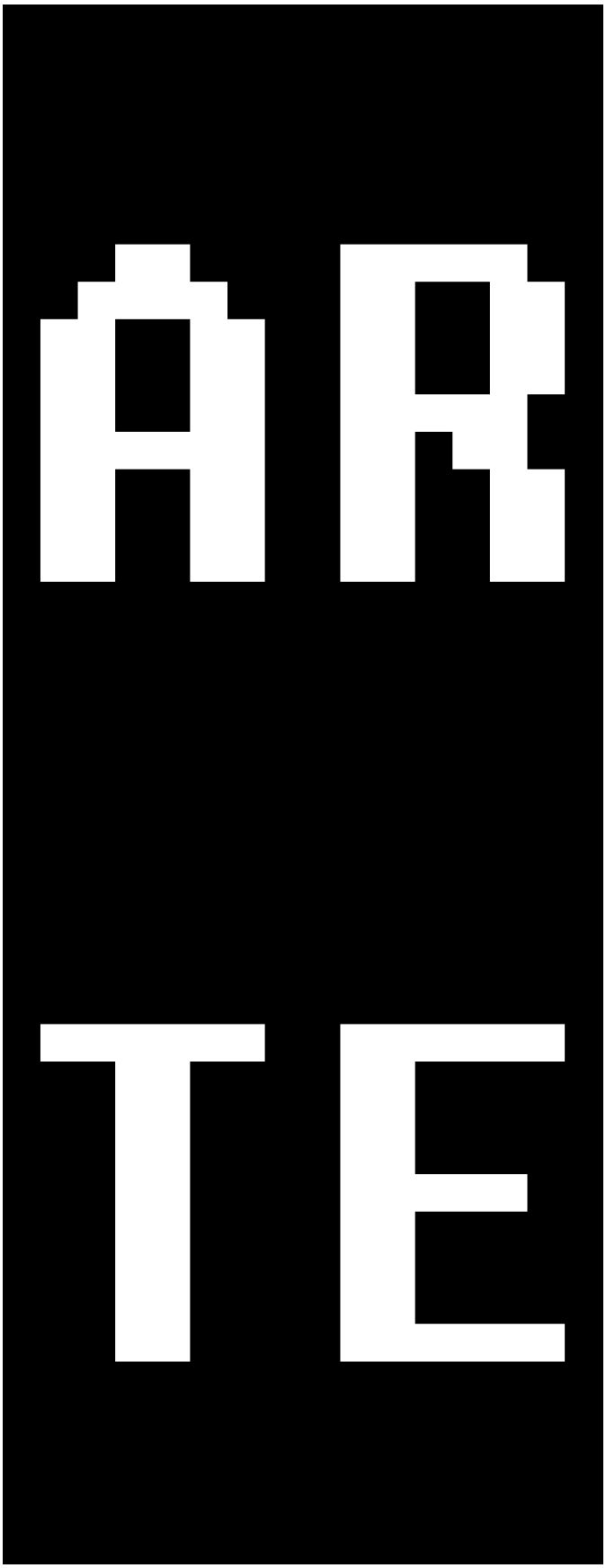
REVISTA DE ARTE CONTEMPORÂNEA - FLORIANÓPOLIS - N.1 - AGOSTO 2022



MANIFESTO

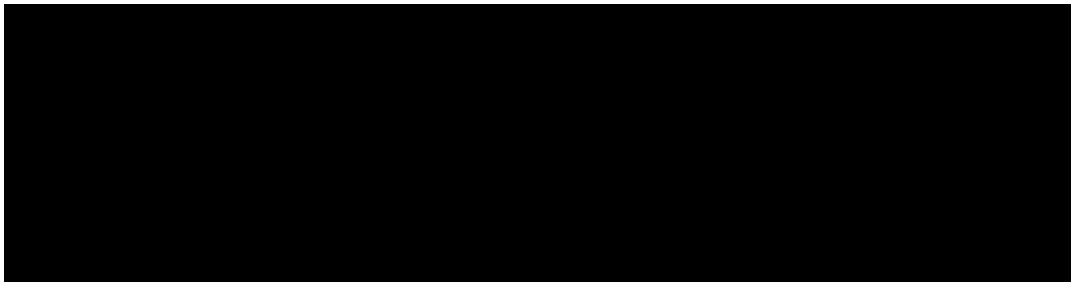





AR
TE

ANACRÔNICA

ANACRÔNICA



III

A nossa percepção dos tempos e os próprios tempos históricos em si estão sendo modificados e isto é um ato político com conseqüências éticas e estéticas.

IX

Uma teoria da arte que valha alguma coisa deve refletir o desenvolvimento histórico do seu objeto.

A anacronia descreve a arte atual porque dá a definição precisa das experiências sócio-culturais contemporâneas.

No caso do Brasil, como no caso de todas as margens, de todas as periferias, de todos os guetos, a anacronia, de fato, sempre fundamentou a nossa índole.

Desde a Primeira Missa pretendemos ser os fragmentos das civilizações que brancos europeus armados desembarcam em nossas baías.

Sempre a mesma defasagem de muitas modas em relação às metrópoles.

Sempre a mesma oferta de espelhinhos, contas de vidro e panos coloridos.

Desde Cabral é isso.

Desde o Ipiranga é isso.

Desde 1922 é isso.

De anacronia entendemos.

A anacronia é nossa!

A anacronia é verde-amarela como as cores das casas de Bragança e Habsburgo na bandeira da República Federativa dos Estados Unidos do Brasil.

XII

Não há mais centro.

Não há mais periferia.

Tudo é beira.

Uma civilização global de fragmentos e despojos.

A favelização universal das culturas.

XIV

“Mas o que vem a ser ‘anacronia’?”, pergunta-se o transeunte.

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que é o oráculo do nosso senso comum e bom pensamento, surge e sentencia:

Anacronia é o mesmo que retrógrado.

(Silêncio.)

...

Precisamos concordar sempre com o que diz algum Buarque de Holanda?

Não.

Concordamos com o Aurélio sobre anacronia?

Não.

Somos historiadores artistas e artistas historiadores.

Nossas matérias-primas são os vestígios das linguagens humanas nos tempos.

Nós sabemos, por ofício e experiência própria, que a anacronia não é o mesmo que reacionarismo, passadismo nostálgico ou fixação em representações acríticas e mitificadas do passado.

“César morto por um tiro de *browning*”; esta foi a fórmula de choque com a qual Lucien Febvre (ver WIKIPÉDIA) ilustrou a ideia de anacronia.

A anacronia é a invasão de uma época em outra, diz a literatura historiográfica.

É a mistura dos tempos.

Júlio César morto por um tiro de metralhadora em pleno 44 a.C.

Isto é anacronia.

X

David Bowie, um dos maiores estetas do século XX, considerava Adolf Hitler o primeiro rock star.

I

Ontem vi um vídeo na Internet 3.0.

Era um homem gravando a si mesmo enquanto bebia num só gole um copo inteiro de chorume fresco.

Ele queria likes.

Somos sobreviventes de um mundo pós-apocaliptico.

O pesadelo dos humanistas catastrofistas da primeira metade do século XX (Evgueny Zamiatin, Thea Von Harbou, Aldous Huxley, George Orwell...), depois transformado em ficção premonitória pelo cinema estadunidense (Robert Wise, Don Siegel, Stanley Kubrick, Franklin J. Schaffner, George Romero, John Carpenter...) e vendido como entretenimento familiar mundo afora, concretizou-se, pelas mãos da burguesia de Wall Street e associados, na atual paródia de todos os infernos já concebidos pelos poetas.

A pandemia iniciada em 2019 é o último capítulo de um livro ruim cujo prólogo foi escrito em 1973, no Chile, com o sangue de Salvador Allende.

Todos os Chicago Boys, Augusto Pinochet, Margaret Thatcher, Ronald Reagan, George W. Bush, Bill Clinton, George W. Bush Jr., Barack Obama, Donald Trump, Joe Biden…, fantoches do complexo industrial-militar estadunidense e sistema financeiro internacional, numa orgia de brochas, conceberam o mundo que cagou a nossa geração (a descendência inepta dos chamados “baby boomers”).

E aqui estamos nós, os herdeiros atuais de uma montanha de lixo.

O chorume que escorre dela é anacrônico.

O resíduo líquido formado a partir da decomposição de matéria cultural presente no catálogo de importados dos grandes centros do capitalismo tardio e convulsionado.

O chorume que você também bebe.

O chorume que você está bebendo agora.

Spleen de deuses.

XIII

Ser contemporâneo é uma questão de classe. A pobreza nos obriga ao convívio com as

diferentes temporalidades tecnológicas do lixão e com a arquitetura anacrônica dos barracos. Somos caçadores coletores que sonham os sonhos de bilionários que nos exploram enquanto lêem Isaac Asimov.

II

Você foi enganado, campeão.

Você foi enganada, florzinha de primavera.

Você não é especial.

Você não é o menininho da mamãe.

Você não é a princesinha do papai.

Você é a mão-de-obra barata e dispensável que, em breve, será substituída pelos seus filhos e filhas. Aquela gente sem futuro, sem passado e sem presente que você, devidamente programado pelos roteiristas de telenovelas e séries de streaming, irresponsavelmente pôs no mundo.

Um mundo que já é a distopia e será ainda mais conforme a avaliação de todos os que ainda ligam (ou ligavam) lé com cré (de Stephen Hawking, passando por István Mészáros, Immanuel Wallerstein, Naomi Klein, Noam Chomsky, entre outros e outras).

Falar com você, *hommo absurdus*, em termos um pouco mais elaborados do que os de um vídeo tutorial de um minuto é quase sempre perda de tempo.

Falar com você, peça descartável, em termos um pouco mais elaborados do que os de um meme é quase sempre perda de tempo.

Falar com você, ser desmemoriado, em termos um pouco mais elaborados do que os de uma sinopse de série animada é quase sempre perda de tempo.

Tempo.

Tempo.

Tempo.

Tudo o que você não tem.

Tempo.

Tempo.

Tempo.

Tudo o que você não é mais capaz de perceber.

Tempo.

Tempo.

Tempo

Tudo o que você não é mais capaz de elaborar.

Tempo.

Tempo.

Tempo.

Tudo o que você não é mais capaz de refletir.

Tempo.

Tempo.

Tempo.

Tudo o que você não é mais capaz de ponderar.

Tempo.

Tempo.

Tempo.

Tudo o que você não é mais capaz de pensar.

Tempo.

Tempo.

Tempo.

Tudo o que você não é mais capaz de...

Quebrado em sua consciência histórica você regrediu aquilo que os colonizadores dos séculos de ouro do imperialismo insultariam como “bárbaro”.

Você é a mente selvagem a ser catequizada por trilhões de terabaites de poluição informacional.

O animalzinho a ser domesticado ou abatido.

A fibra óptica sucedeu a cruz e a espada no capitalismo tardio.

Será, pois, aos homens absurdos, aos novos bárbaros que a arte do século XXI necessariamente deverá falar.

V

O poder redistribui o bem comum e, na medida em que o faz, atua esteticamente.

As pautas de Davos.

As equações do M.I.T.

A agenda do Pentágono.

Tudo acaba numa instalação do MoMA, num reallity show ou num blockbuster de super-heróis.

XV

A questão, camarada, não é SE você vai morrer.

A questão, camarada, é COMO você vai morrer.

Você quer morrer como um cordeiro?

Você gostaria de ir ao abatedouro, assim, como um cordeiro?

VIII

O mash-up é o novo soneto.

IV

A tela, por meio da qual você provavelmente está lendo isto, custou à espécie humana alguns milhões de unidades.

Pelo menos...

- 2 guerras mundiais.

- 2 cidades japonesas.

- 1 Coréia.

- 1 Vietnã.

- Todas as ditaduras da América Latina.

- 2 Golfos.

- 1 Afeganistão.

- 1 Iraque

- 1 Síria.

- 1 Ucrânia em andamento.

- Todos os massacres, chacinas e genocídios brasileiros pelo menos desde 1964.

- E agora - ápice da História! - uma montanha de cadáveres descartados por uma pandemia de vírus letal.

Um mundaréu de gente triturada para que você tenha com o que preencher as suas horas inúteis e consumir com maior eficácia.

Tudo pela circulação do capital financeiro e pacificação social.

Você é um mico amestrado condicionado a dar likes.

Você sabe disso.

E importa?

Não. Por que importaria?

O cinismo tornou-se a sua segunda natureza.

A realidade, contudo, felizmente é contraditória.

Feche os olhos e imagine.

Feche os olhos e imagine Sergei Eisenstein.

Ou Glauber Rocha.

Ou Charles Chaplin.

Ou Leni Riefenstahl.

Nus e descalços.

Peles pretas e olhares brilhantes.

Meninos e meninas do tráfico P2P.

Imagine.

Georges Méliès com um smartphone vagabundo nas mãos.

Imagine.

VI

Quanto ao método partamos sempre do chão.

Da urgência do comer e do vestir.

Do fundamento lógico das coisas duras e materiais.

XI

Toda informação cultural produzida e preservada pela humanidade concentrada ao máximo num único e gigantesco banco de dados.

Toda a história da arte virtualmente acessível a qualquer capaz de digitar uma palavra num buscador on-line.

Uma civilização global concomitantemente central e periférica, provinciana e cosmopolita, atual e passadista, tradicional e moderna, revolucionária e reacionária.

Todos os tempos históricos e horizontes de futuro possíveis emergindo uns dos outros enquanto descemos as barras de rolagens dos nossos navegadores.

A cabeça do astrólogo de Raul Seixas em pleno surto esquizofrênico.

Olhe para fora da janela neste exato instante.

Vá e veja.

A obsolescência programada para o próximo segundo.

O contraste entre a chateza e esfericidade terrestre.

A estética Mad Max das carroças dos catadores de papelão.

As mensagens medievais estampadas nas camisetas da juventude.

A anacronia total.

VII

“O anacronismo é uma práxis estética que visa atualizar a ideia de vanguardas artísticas e políticas para o contexto do século XXI.”, dirão as notas de rodapé dos manuais de história da arte.

Claro, isto sendo otimistas.

Talvez não haja futuro.

Talvez não haja história.

Talvez não haja arte.

Reivindicamos a anacronia para antropofagizar livremente não só no espaço, como o fizeram nossos pais pernambucanos, nossos avós baianos e nossos bisavós paulistas.

Somos cosplayers de Tarsilas, Pagus e Andrades e também queremos antropofagizar, mas NOS TEMPOS!

Estes tempos implodidos.

Estes tempos pulverizados pela atual fase do capitalismo.

Reivindicamos a anacronia em nome do Deus Tempo!

Reivindicamos a anacronia em nome de todos os deuses mortos!

Reinvidicamos a anacronia contra o Eterno Agora, o *continuum* que não nos deixa nem morrer, nem nascer, nem viver!

Eis o que somos:

Um videogame de madeira.

Dezenas de janelas reproduzindo simultaneamente vídeos numa cacofonia espaço-temporal.

Todos os tempos invadindo o presente.

Todos os tempos reinventando o passado.

Todos os tempos alterando os horizontes de futuro.

Temos mais recordações do que há em mil dias.

Temos mais recordações do que há em mil anos.

Temos mais recordações do que há em mil servidores.

Somos moços e, no entanto, velhos.

Somos velhos e, no entanto, contemporâneos.

A arte, que um dia chamarão “nossa” assim será porque já é ANACRÔNICA.

GANG DO LIXO

Ou os abaixo assinados:

Aurora Miotto Barbosa

Ana Paula Soukef

André Pereira

Enzo Gotardo

Fabiano Garcia

Jennifer N. Pereira

Judas Capiango
(Luiz Souza)

MARCELO MONSÓ

Márcio Fernandes

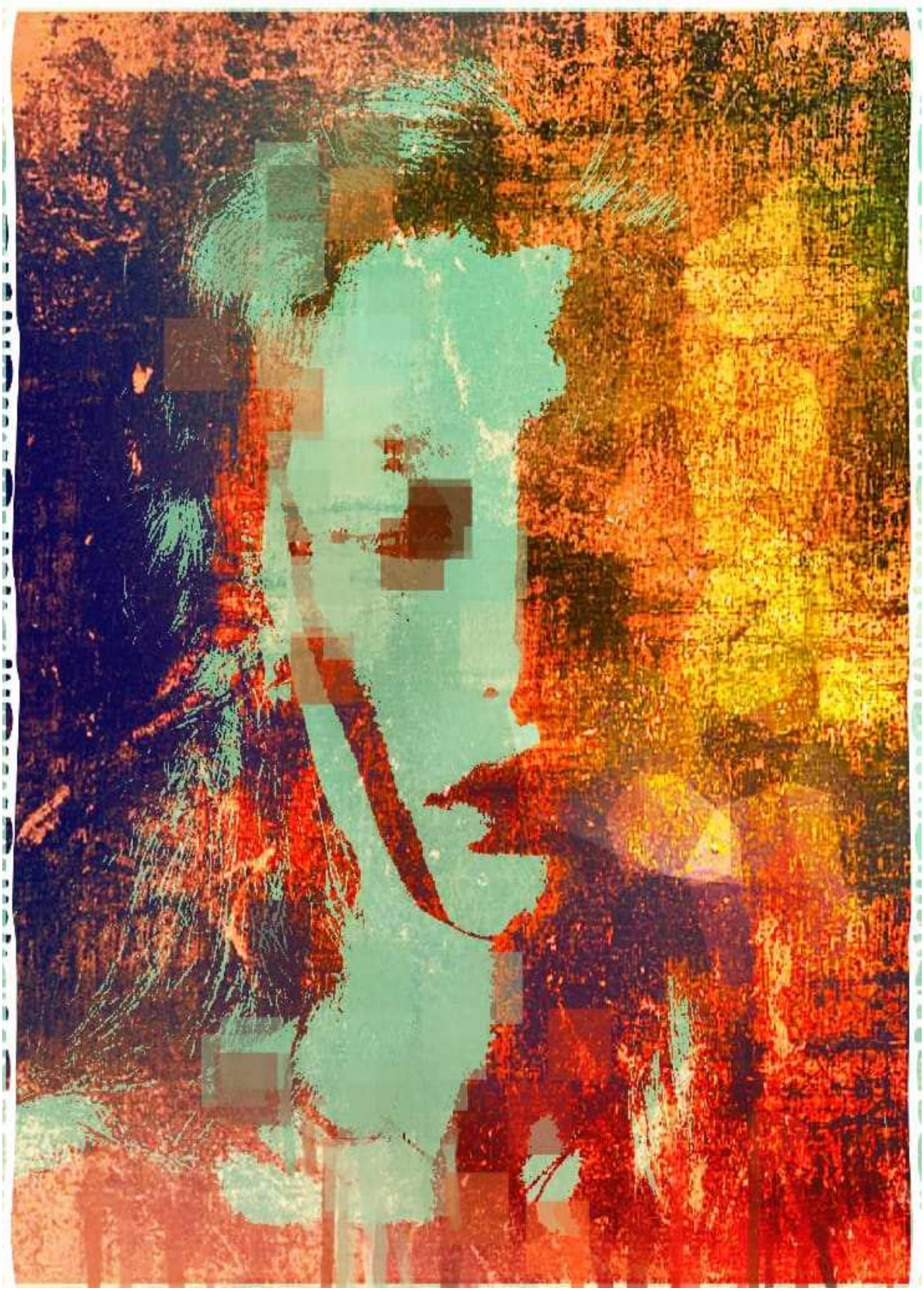
PAOLA MIOTTO

Paulo “AMAWEKS” Villalva

Matárius... Meiembipe-Vila de Nossa Senhora do Desterro da Ilha de Santa Catarina-Desterro-Florianópolis-Floripa... Nova Desterro-Matárius...

2 de julho de 2022.

Ano III da Pandemia.



| Márcio Fernandes | sem título | 2022 |

Abril de 1970

que ranço enorme
deve ter um homem
pra acusar outros dez mil homens
– cientistas vorazes –
de subverter a ordem

veja bem

intimidá-los

pelas virtudes

das culinárias subversivas

feijoadas e vatapás

Alegava-se que no lugar

do repouso familiar

os “comunistas” congregavam-se

pois bem

a esquerda, salvo engano

até onde foi sabido

no mundo ocidental

também pode passar fome

mas esqueceram

de avisar

o delegado

o ministro

e os redatores do AI-5

bem no fim

os cientistas proibidos

desapossados de seus livros

e de seus laboratórios

carregaram consigo

segredos

periféricos e globais

forçosamente em exílio

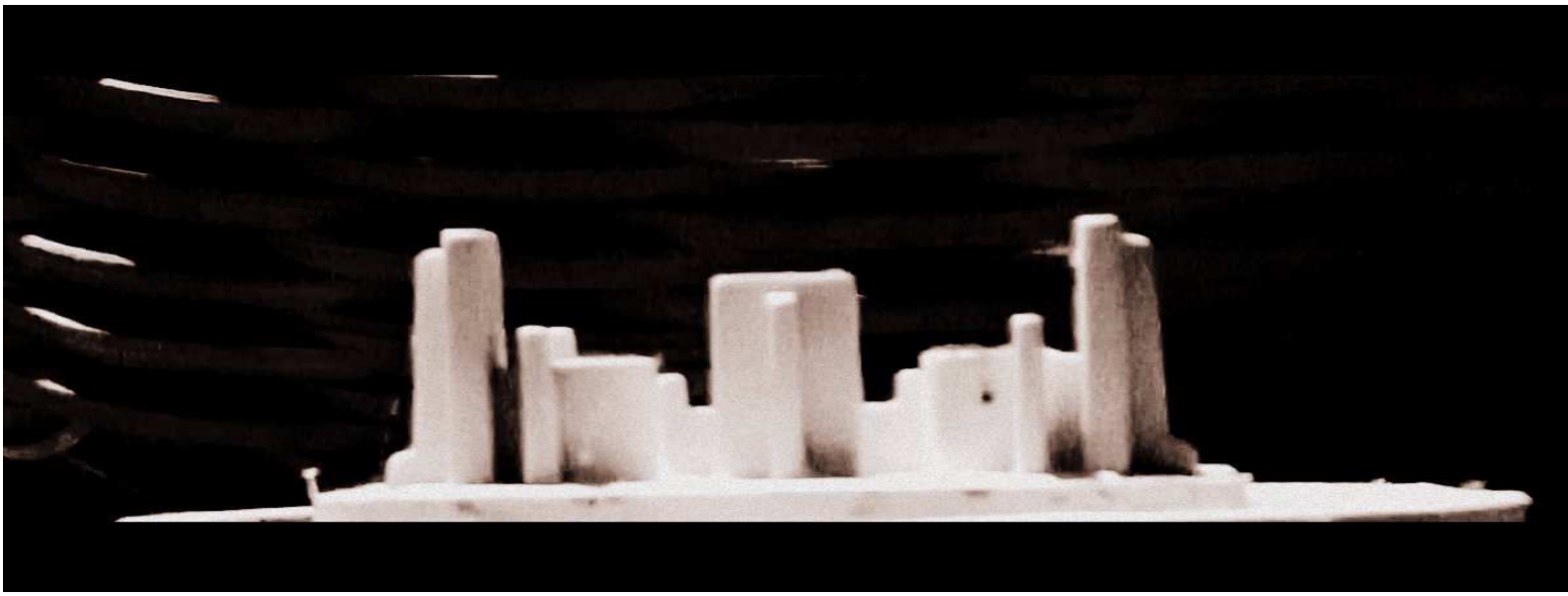
levaram pra fora

a saudade de Manguinhos

os teoremas de Niels Bohr

e os mistérios da piracema

Fabiano Garcia



| Paola Miotto | “Cidade” | Fotografia | 2022 |

KANDINSKY

O REBELDE ABSTRATO

Um dos maiores nomes da história dos quadrinhos, Kandinsky foi subversivo em todas as acepções do termo e, numa vida breve e intensa, revolucionou também o videoclipe.

Judas Capiango

Pode-se dizer que, até meados dos anos 1970, a arte seqüencial limitava-se a um padrão de convenções que praticamente desconhecia a abstração como recurso estético. Algo que a colocava, portanto, décadas atrás em relação a outras linguagens visuais até então mais desenvolvidas, tais como a pintura e mesmo o cinema experimental. Assim, desde *The Yellow Kid* a *The Spirit*, o que um leitor médio de quadrinhos - sobretudo se fosse europeu ou estadunidense - poderia esperar de uma obra quadrinística era, basicamente, uma narrativa desenhada e com elementos

idênticos aos de formas literárias mais convencionais como o romance, novela, conto ou crônica. Ou seja, representações de personagens humanos atuando num espaço e tempo bem definidos no interior dos universos ficcionais.

Foi assim até 1977, quando um jovem imigrante russo publicou seu primeiro trabalho na revista francesa *Metal Hurlant*. Nesse ano, tudo isso mudou.

Conheça um pouco da história de Kandinsky, um dos artistas mais influentes do cenário pop atual.

O encontro com o mestre francês

Em 1976, quando o ilustrador francês Jean Giraud, mais conhecido como Moebius, conheceu Kandinsky numa livraria de Paris, a história das histórias em quadrinhos soava ainda como um apêndice ou variação da história literária ou do cinema.

As HQs, ainda dominadas pelos cânones da ficção do século XIX e da sétima arte, limitavam-se até aquele momento quase exclusivamente à representação figurativa e a narrativa convencional centrada no relato de acontecimentos ou fatos humanos. Tudo isso se alterou radicalmente com a descoberta do trabalho revolucionário de Wassily Wassilyevich Kandinsky (Moscou, 1956 - Berlim, 1990), um dissidente soviético emigrado que se tornou uma das maiores referências da arte nos últimos 15 anos.

Em 1988, numa entrevista concedida à revista *Heavy Metal* dos EUA, Moebius contou sobre o seu encontro com o artista soviético. “Conheci Wassily em 1976, numa loja de discos. Eu estava olhando um LP do Emerson Lake and Palmer e de repente um cara parou ao meu lado e comentou algo como: Esse Giger é uma merda, cara. Essa capa é um lixo. O lance é isso daqui...’ Era o Kandinsky. Ele estava segurando o *Autobahn*,

do Kraftwerk. Eu gostava muito daquela capa. A partir daí começamos a conversar e acabei conhecendo o trabalho dele."

A primeira colaboração de Kadinsky para a *Metal Hurlant*, publicada em 1977, foi uma história de apenas uma página e consistia num trabalho absolutamente estranho para os padrões da revista e do que era considerado arte seqüencial na época. Era uma sucessão de figuras geométricas que formavam o que poderíamos definir como um "relato" abstrato protagonizado por um conjunto de imagens poligonais. Algo totalmente inovador inclusive para os quadrinhos underground e experimentais mais iconoclastas.

"O público não gostou e mandaram muitas cartas para a redação perguntando o que diabos era aquilo", disse Moebius, "Nós resolvemos dobrar a aposta e no mês seguinte publicamos uma história de cinco páginas totalmente dedicadas ao Kandinsky."

A segunda aparição de Kandinsky na *Metal Hurlant* foi ainda mais radical que a anterior. Nela, o artista utilizou apenas as três cores primárias (vermelho, amarelo e azul) e três formas geométricas elementares (círculo, quadrado e triângulo) para contar, em termos simbólicos, toda a história da Revolução Russa de 1917.

Era o início da consagração de Kandisnky como quadrinista de vanguarda.

Metal Hurlant n. 66 (jan. 1977)

Legado para além das HQs

O impacto da arte de Kandinsky na cultura pop deste fim de milênio ainda não pode ser bem dimensionado.

Em 1981, a banda inglesa de pós-punk Bauhaus procurava o diretor perfeito para o clipe da música "Pentagram", do disco *Mask* e não lhes ocorreu nenhum outro nome para o trabalho. "As histórias de Kandinsky estão para os quadrinhos, assim como o sintetizador está para a música do futuro", declarou Peter Murphy. "A identidade visual da nossa banda não seria a mesma sem ele".

Outro importante nome fora do universo das HQs que incensou Kandinsky foi Kenneth Anger, o cineasta maldito autor de obras seminais como *Lucifer Rising* e *Scorpio Rising*. Para Anger, Kandinsky foi mais do que um artista. Segundo o cineasta, declaradamente um seguidor das idéias do ocultista inglês Aleister Crowley, Kandinsky foi também um magista. "Ele sempre foi discreto quanto aos seus interesses pelo oculto, mas nas suas composições pictóricas são claras as suas referências a diferentes tradições herméticas. Ele dominava com maestria toda a geometria sagrada." Os dois trabalharam juntos em pelo menos dois curtas: o cultuadíssimo *Sodoma* (1982) e *Lord of the flies* (1987).

Mondrian, Picasso, Camile Claudel e Kandisnky em Londres (1981).

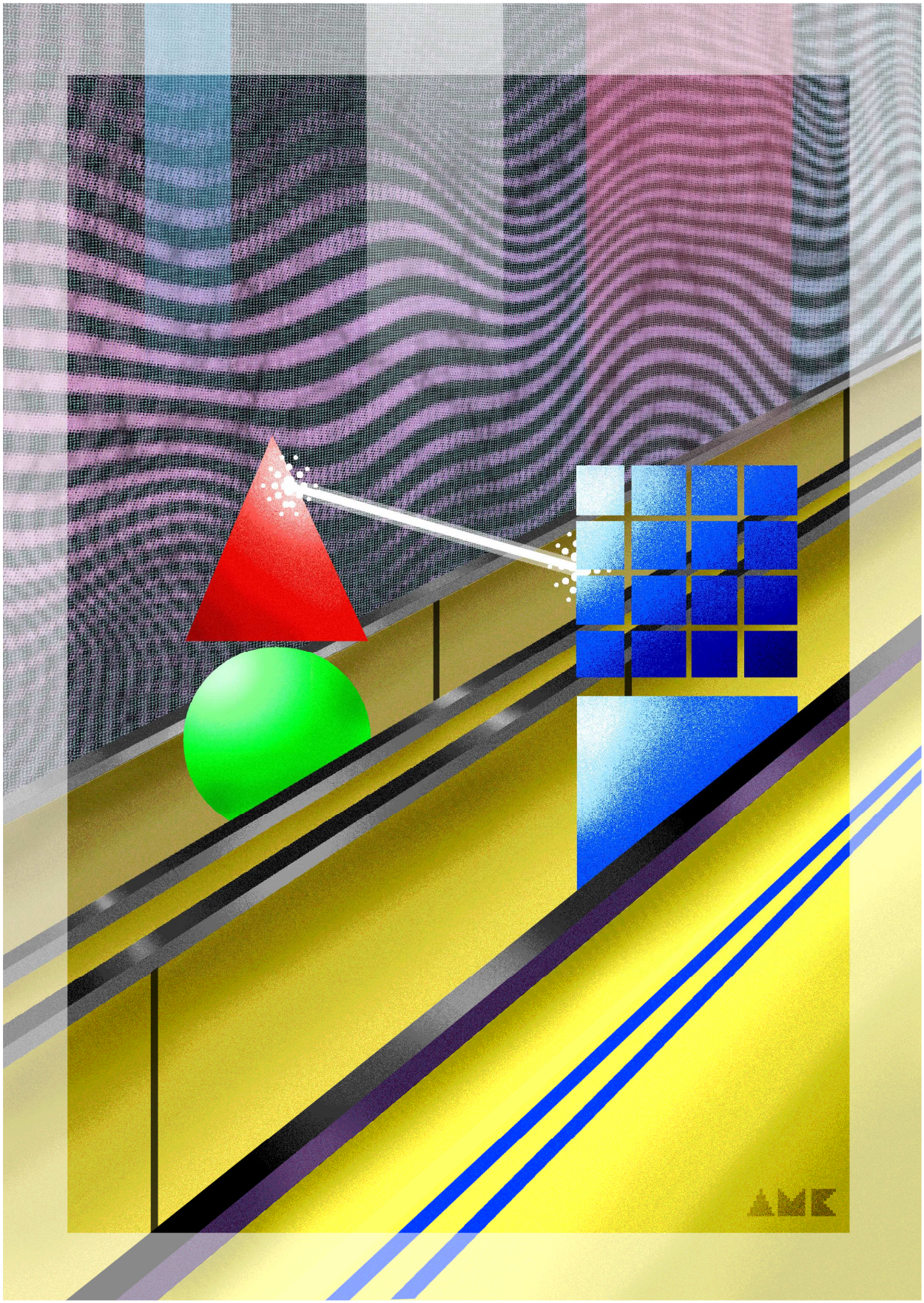
O fim trágico de um gênio

Em 1990, Wassily Wassilyevich Kandinsky foi encontrado morto em seu ateliê em Kurfurstendamm, centro da antiga Berlim Ocidental. O artista lutava há vários anos contra o vício em heroína e em 6 de janeiro daquele ano tomou a sua dose letal.

“Ele sofria de depressão e procurava nas drogas um refúgio”, declarou a atriz e cenógrafa Alexia Montjustin”, sua namorada à época. Irriquieto e sempre na oposição, Kandisnky via nas drogas um modo de se opor ao um mundo que segundo as suas próprias palavras “moia gente como uma engrenagem do Inferno”. “Ele odiava toda e qualquer autoridade”, diz Alexia, “talvez tenha vindo daí a sua adesão ao abstracionismo. A arte abstrata é um ato de rebelião contra o figurativo”.

Kandinsky tinha apenas 34 anos quando morreu e já havia modificado os rumos de pelo menos duas linguagens fundamentais para a cultura de massas da segunda metade do século XX: os quadrinhos e o videoclipe. Foi sempre um deslocado, mesmo circulando nos mais altos círculos da arte do seu tempo. Viveu como um rebelde e tornou-se um mestre indiscutível.

Paradoxal, assim como suas narrativas não-figurativas. ▮



| Amaweks - “Êxtase Abstrato” - Gravura Digital - 2022 |

O BOI TATÁ ELETRI FICADO

Gelci José Coelho, o Peninha, é o elo de ligação entre a tradição artística enraizada na cultura popular do litoral de Santa Catarina e a contracultura das décadas de 1960 e 1970. A síntese entre o mutante Arnaldo Baptista e o fantástico Franklin Cascaes.

Sua trajetória se confunde com a da chegada das idéias e valores da juventude de Maio de 1968, Woodstock e Tropicália aos confins da periferia do capitalismo.

| Márcio Fernandes | “Peninha” | Gravura Digital | 2022 |

No caso, a Ilha de Santa Catarina. Está para a Florianópolis de 1974, com e o seu Palhostock, assim como Cruz e Sousa esteve para a Desterro de 1884, com a sua Idéia Nova (ou para o Rio de Janeiro de 1893, com o seu Simbolismo). É um atualizador cultural. Sua obra, ainda injustamente desconhecida, é testemunho privilegiado do modo como a psicodelia, o rock in roll, o "hippismo", a androginia, etc., etc. irradiados desde os centros metropolitanos do hemisfério norte reverberaram e se hibridizaram com o folclore açoriano do sul do Brasil. Peninha é um ponto de articulação entre o micro e o macro, o geral e o particular, o local e o cosmopolita, o boitatá e a guitarra elétrica.

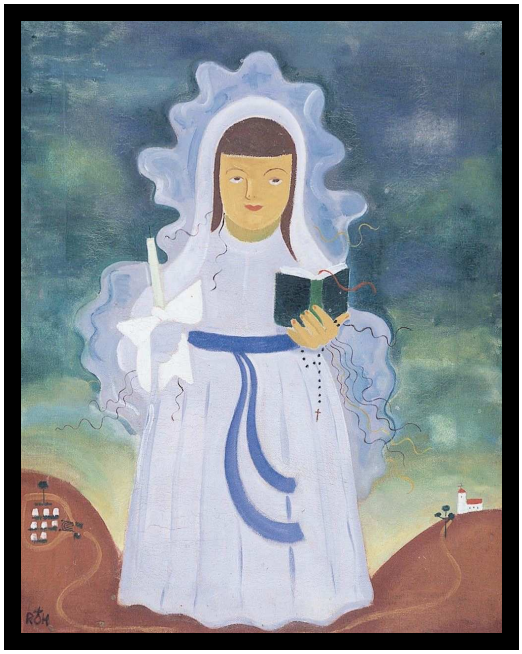
Anacronia *visitou Peninha e conversou com ele. Quando chegamos à praça central da cidade nos deparamos com uma visão ampla do sul da Ilha. Havíamos marcado para as 14h, então, tínhamos mais alguns minutos de folga. Fomos até a praia. Estávamos na Enseada do Brito, uma antiga vila de pescadores em Palhoça, parte continental da grande Florianópolis. Peninha vive numa casa antiga de estilo colonial à beira-mar.*

Tudo simples. Tudo austero. Tudo exalando tradição. Peninha nos esperava sorridente, sentado à mesa da sala de jantar. – Em quê posso ajudar vocês?

Os olhos ainda muito vivos, muito brilhantes, incendiavam de curiosidade e desejo de contar histórias.

"É difícil dizer como eu me tornei artista porque isso foi algo que foi acontecendo. Acho que sou artista desde criança, quando descobri o giz. Depois que descobri o desenho todo papel em branco já não ficava mais branco. Era um abismo. Eu mergulhava naquele abismo e trazia à tona uma imagem. Era fantástico. Aquilo me provocava. Eu nunca fui orientado pra nada disso. Era uma coisa espontânea. Uma coisa de autodidata. Foi acontecendo. Eu ouvia muito

rádio e por ali se anunciava que na cidade havia uma exposição no Museu de Arte Moderna[1]. Isso deve ter sido em 1969, talvez. Ou antes. Eu morava em São José e pela primeira vez na vida eu fui sozinho até Florianópolis pra ver se encontrava esse lugar que falavam pelo rádio. Eu fui e achei. Dali em diante não teve mais jeito. Fui descobrindo e vendo aqueles espaços. Já no colégio também eu manifestava interesse por arte. Eu desenhava muito. Acabava ilustrando e ajudando a ilustrar os trabalhos da turma. Depois, quando fiz o curso normal aqui em Palhoça, havia outro rapaz que também desenhava e a gente fez uma exposição no Colégio Ivo Silveira[2]. Nós enchemos de desenhos por tudo quanto era lugar. A visita ao museu é que me provocou muito disso. Era uma exposição coletiva com o Rodrigo de Haro[3], o Vecchietti[4] e o Hassis[5]. Inclusive, essas pessoas estavam lá. Até hoje eu lembro dos trabalhos deles. Lembro da obra "A comungante", do Rodrigo de Haro, de uma tapeçaria do Vecchietti e de um painel falando da guerra do Vietnã, do Hassis."



| Rodrigo de Haro - "A comungante" - óleo sobre tela - 1965 |

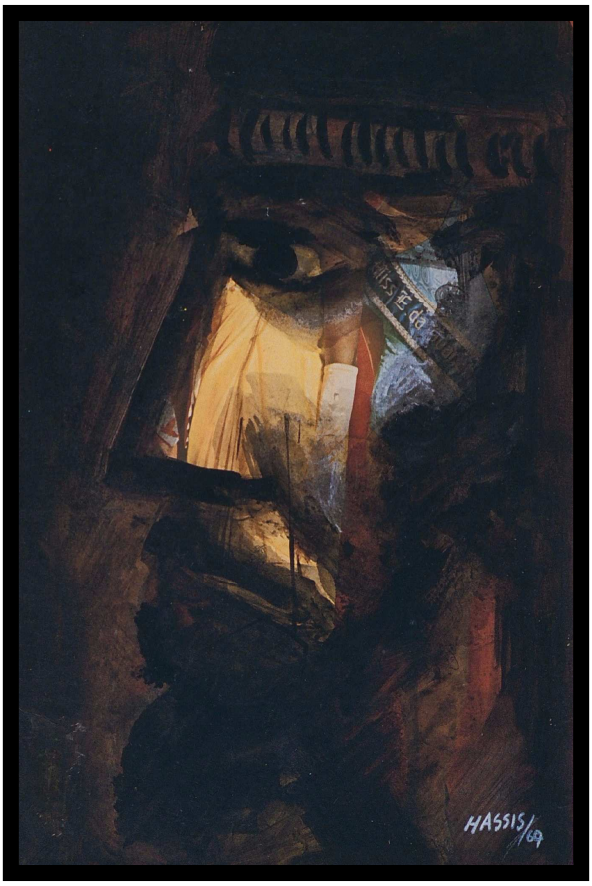
[1] Antigo Museu de Arte Moderna de Florianópolis (atual Museu de Arte de Santa Catarina, MASC), fundado em 1949.

[2] A exposição ocorreu no Colégio Governador Ivo Silveira, em Palhoça, SC, em 1968.

[3] Rodrigo Antônio de Haro (Paris/França, 1939 -). Desenhista, pintor e contista. Filho do pintor Martinho de Haro.

[4] Pedro Paulo Vecchietti (Florianópolis/SC, 1933-1993). Tapeceiro, artista gráfico, ilustrador de livros e revistas.

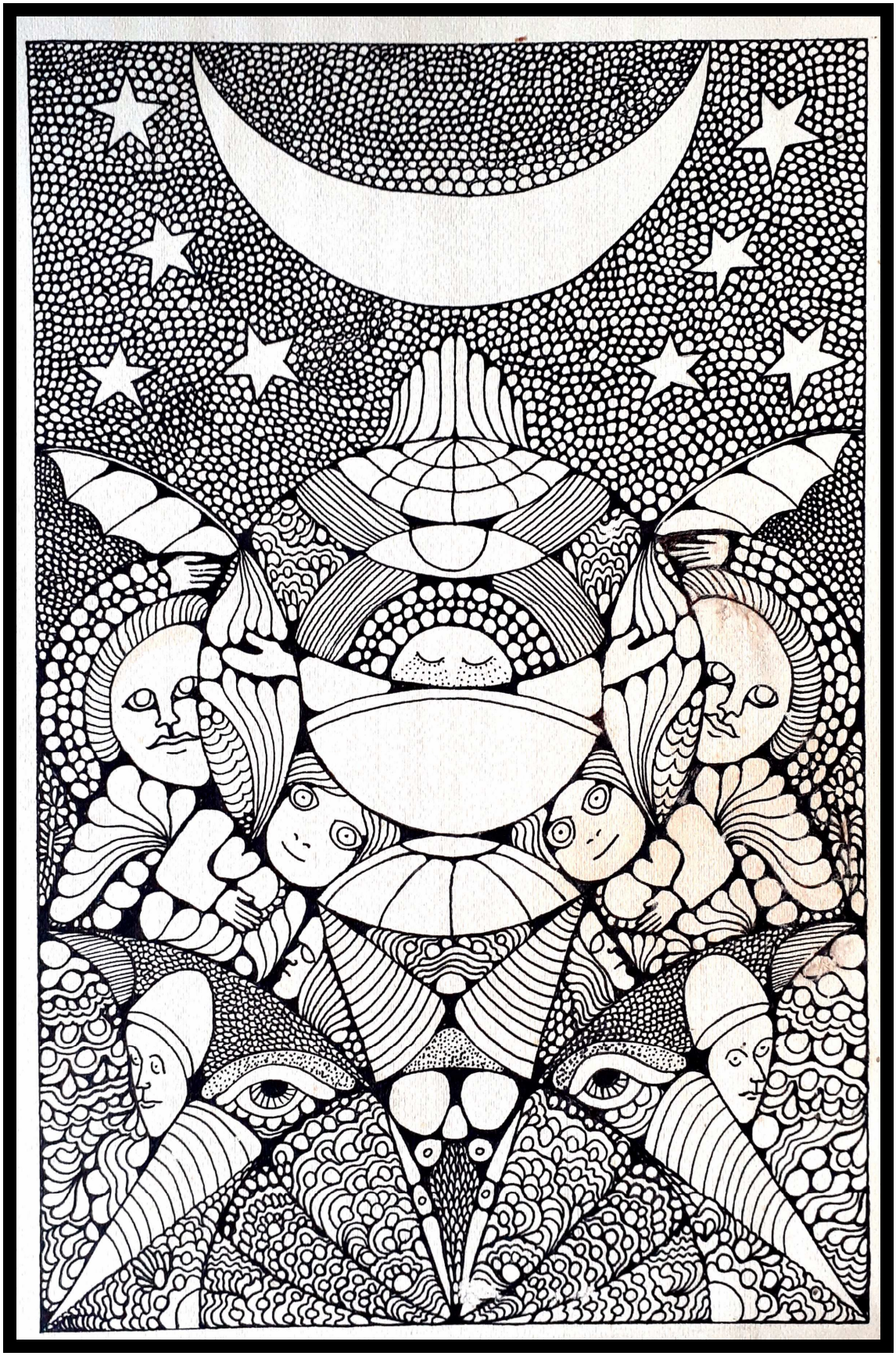
[5] Hiedy de Assis Corrêa (Hassis) (Curitiba/PR, 1926 – Florianópolis/SC, 2001). Pintor, desenhista e ilustrador.



| Hiedy de Assis Corrêa ("Hassis") - "Desenho IV" - 1969 |

| Pedro Paulo Vecchietti - sem título - tapeçaria - 1958 |

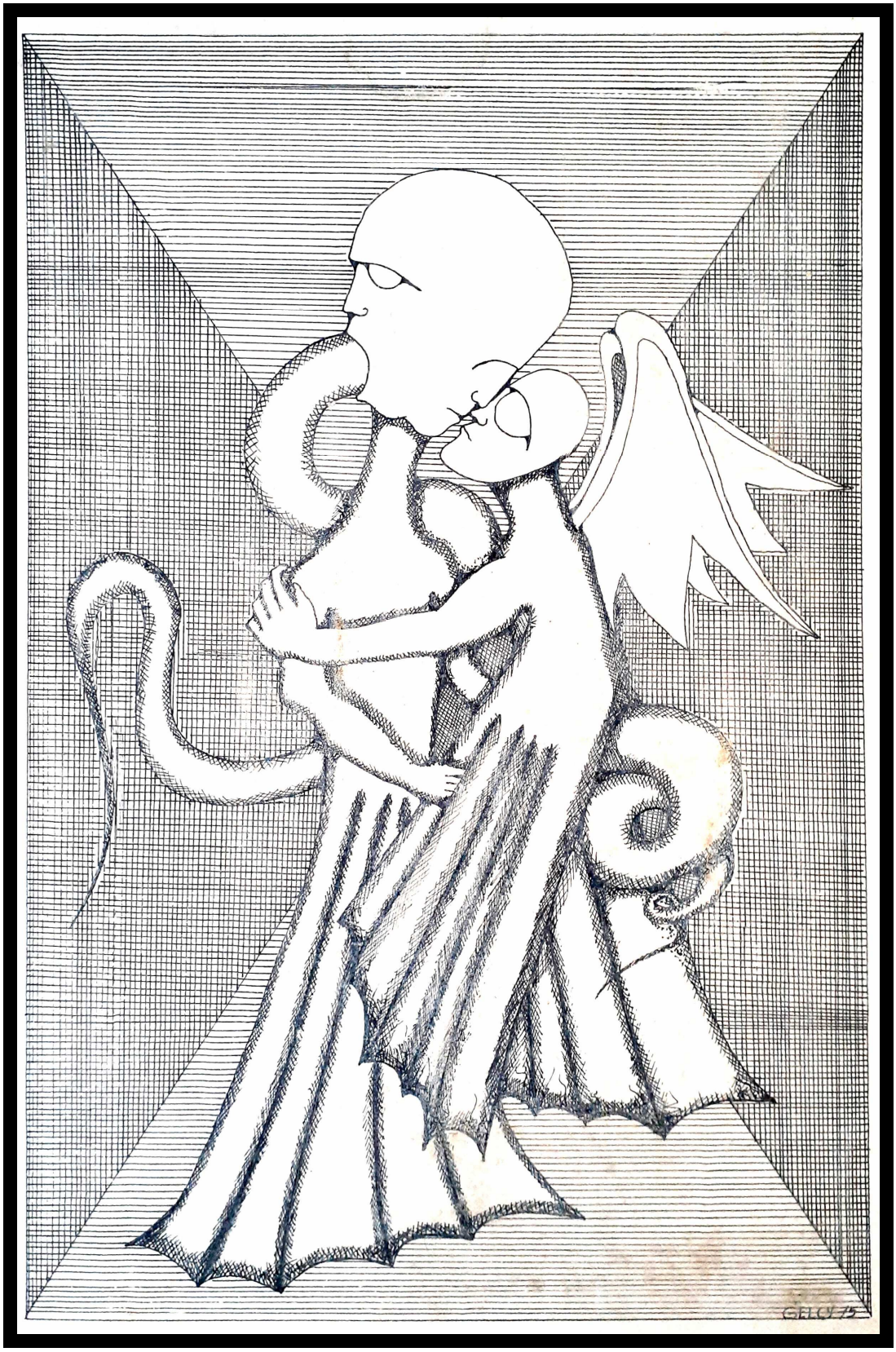
“O meu primeiro contato mais direto com a arte moderna foi através de artistas catarinenses. Nós aqui não tínhamos muito acesso às coisas. Aqui não tinha nada de escola de arte, mas eu procurava. Aí comecei a ir no ateliê dos artistas. Eu ia muito na casa do Martinho de Haro. Acabei conhecendo ali o Rodrigo e o irmão dele. Onde tinha exposição eu tava. Aprendi a ir muito à Joinvile e Blumenau. Anunciava exposição eu ia. Pra ver e ter esse contato.”



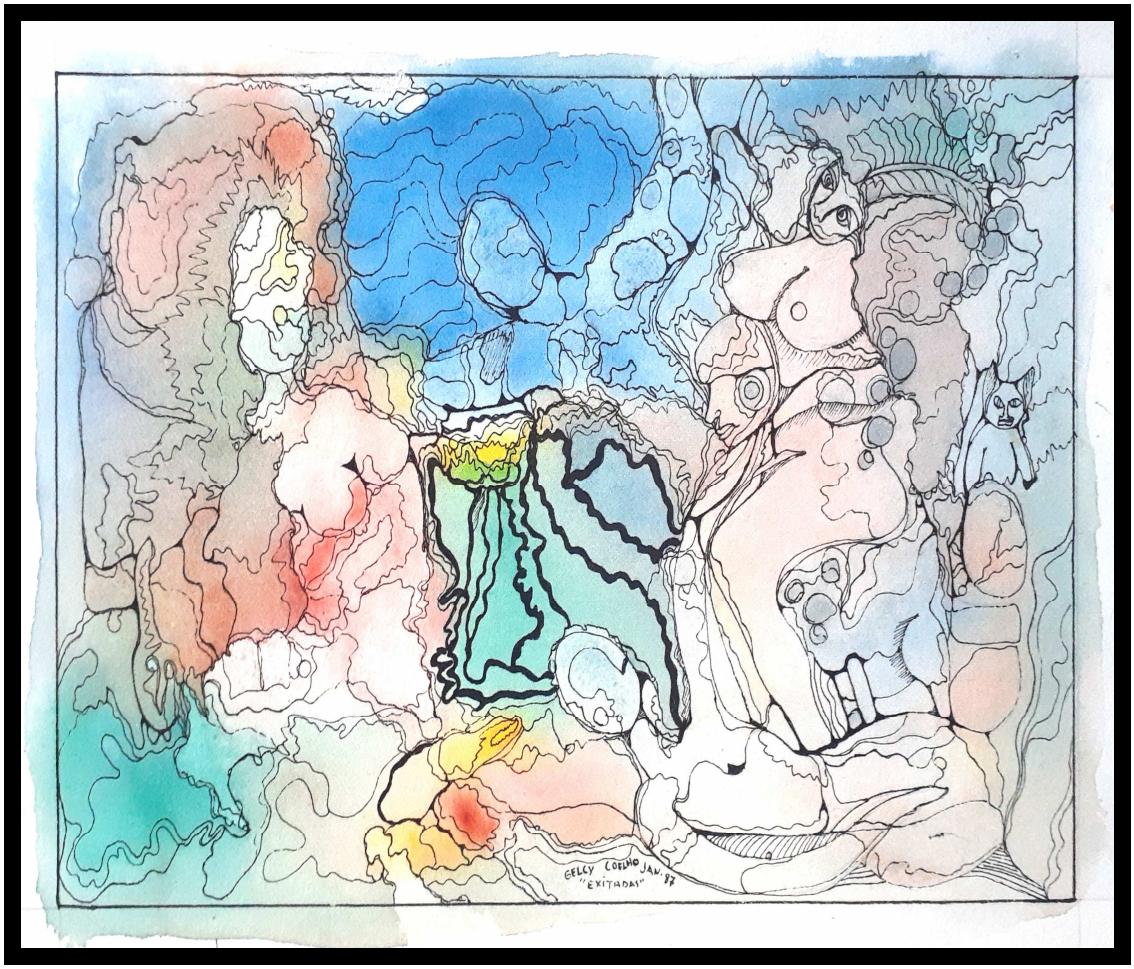
| Gelcy Coelho (“Peninha”) - s. t. - Nanquim sobre papel - c. 1975 |

"Eu tinha um jeito próprio de fazer arte. Inclusive tem um estudo na tese da Adalice Araújo, *Mito e Magia na Arte Catarinense*, onde eu apareço.[6] Ali eu denomino o meu estilo como 'surrealismo ingênuo'. O meu trabalho era muito surreal. O fato é que quando eu fui pra universidade, encontrei mais três estudantes que gostavam de arte: o Riko Stotz, Humberto Tomazzini e Luís Carlos Costa. A gente se uniu e fazia exposições no Centro de Estudos Básicos constantemente. A gente agitava a universidade com isso. Aí com esses contatos eu fui me aprimorando. Tanto que eu acabei ganhando prêmios. Eu ganhei um prêmio Unissanta de melhor exposição de desenhos em 1971. Eu ganhei um prêmio Renoir, quando inauguraram o edifício Renoir na Beira Mar Norte, com o quadro 'Alegoria ao Carnaval da Ilha'. Eu ganhei o primeiro lugar espantosamente. Tinha uma porção de feras da arte lá e eu que ganhei. Eu nem era nada assim. Eu era um intrometido. Depois teve a exposição de 150 anos da Independência. O SESC Centenário da Independência. Eu ganhei o prêmio de terceiro lugar com uns desenhos a bico de pena. Eu gostava muito de fazer a bico de pena. Trabalhava muito o branco e o preto. Mas eu não tinha pretensão comercial. Nada disso. Era uma curtição. Eu adorava fazer isso. Eu trabalhava de segunda a sexta e, às vezes, sábado de manhã. Aos finais de semana eu ia pro meu quartinho, atrás da casa da minha mãe, e saia de lá só na segunda-feira de manhã. Eu ficava lá direto ouvindo música e desenhando. Então eu produzia muita coisa. Fiz muita coisa. E tudo isso ficava nesse quartinho. E ali perto passava uma vala. Um dia eu não estava. Tinha viajado. E aconteceu uma enchente. Tudo o que eu tinha guardado nesse quartinho abaixo de um metro e meio foi embora. Inclusive esses quadros. O 'Alegoria ao Carnaval da Ilha', os quadros do SESC Centenário, foram todos embora. Esses e muito mais. Não se recuperou nada. Virou tudo uma lama. Foi uma pena. Aí isso me desanimou um pouco. Mas, enfim, de qualquer forma foi muito interessante ter vivido tudo isso junto dos 'Quatro Cavaleiros do Surrealismo'."

[6] Refere-se à importante tese da crítica de arte paranaense Adalice Maria de Araújo intitulada *Mito e magia na arte catarinense*, defendida em 1977, na UFPR.

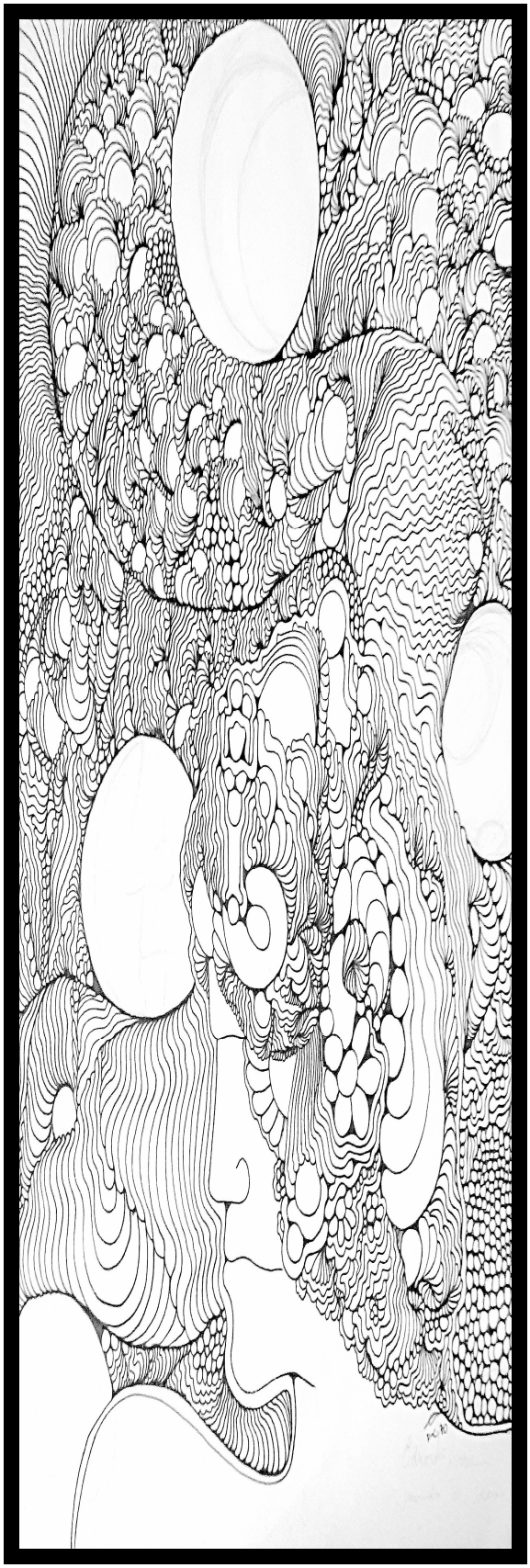


| Gelcy Coelho (“Peninha”) - Amantes bruxólicos - Nanquim sobre papel - 1975 |



| Gelcy Coelho (“Peninha”) - Excitadas - Técnica mista - 1987 |

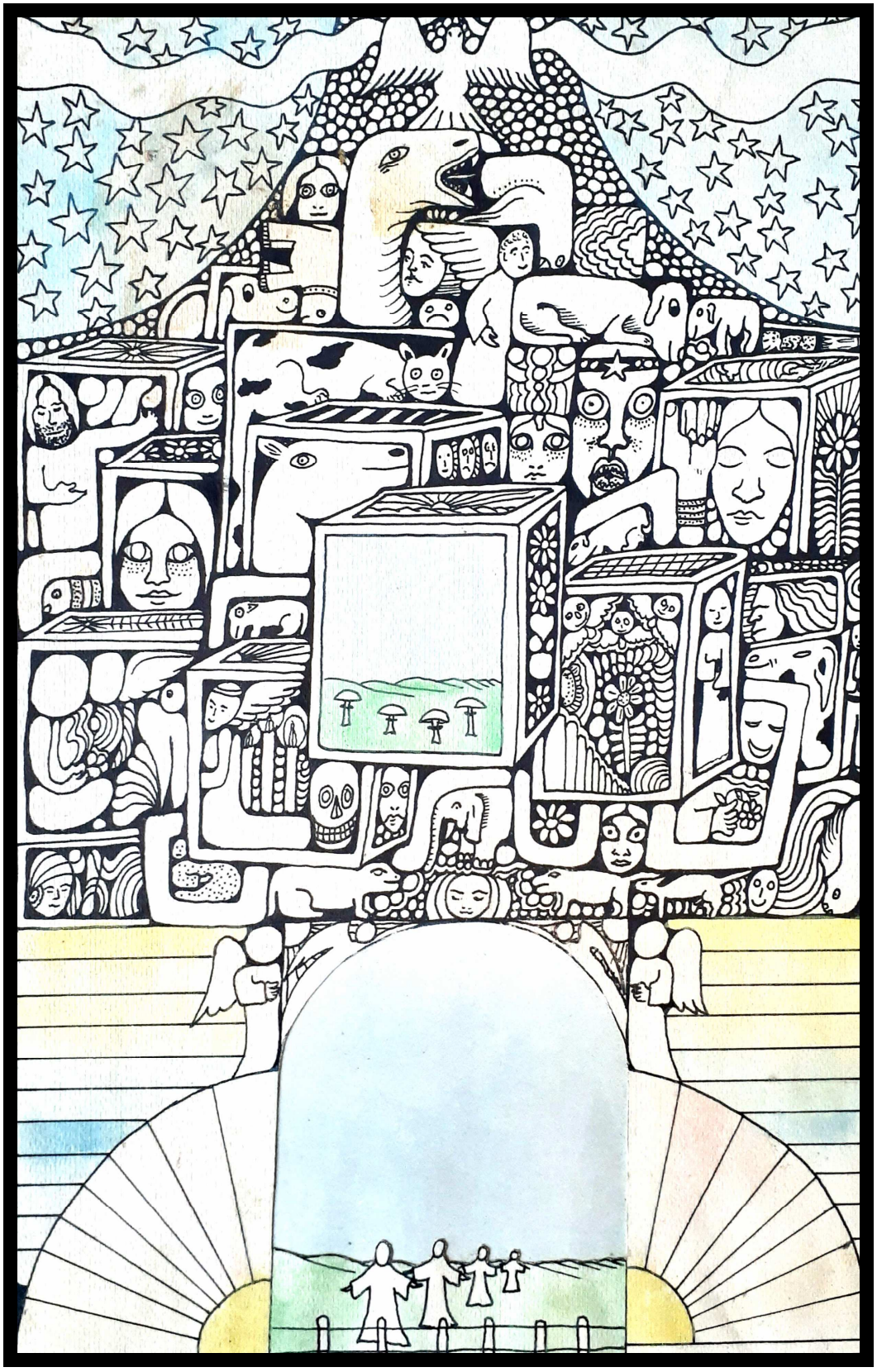
“Eu ingressei no curso de história por causa da disciplina de História da Arte. Claro que o que víamos lá era uma coisa muito singela. A universidade naquela época era muito singela. Hoje eu penso que era por causa da ditadura. Eles tinham um freio. Mas com a universidade e com esses contatos no mundo da arte eu tinha acesso ao conhecimento de muita coisa. Através de livros, claro. Eu sabia tudo sobre Salvador Dali. Todos os grandes mestres. A gente tinha acesso aos livros. Foi por aí que descobrimos que fazíamos um tipo de surrealismo.”



| s. t. - Nanquim sobre papel. C. 1975 |

“Eu participava

do grupo que se reunia na casa do Edgar Scheidt pra ouvir rock. Ele tinha um espaço no quintal da casa dele, com luz estroboscópica, e era ali o máximo de grande rock que a gente podia ouvir: 1000 decibéis. Eu ia lá e como eu desenhava acabei decorando o espaço. E, nessa, eu acabei me envolvendo com a organização do Palhostock. Quando aconteceu eu fui praticamente o apresentador. Eu dava os recados. tava toda hora lá no palco comunicando. Eu participei dessa maneira. Foi muito doido. Uma coisa extraordinária. Ouvíamos Beatles, Rolling Stones, Frank Zappa, Janis Joplin... O mais interessante de tudo isso é que veio pro evento um conjunto de Porto Alegre chamado Os Almôndegas. Desse grupo participavam o Kleiton e o Kledir. Os Almôndegas, quando vieram pra cá, não foram mais embora. Só voltou o Kleiton e o Kledir. Os outros ficaram aqui. Casaram. Tem almôndega por ai até hoje. Uma porção de almondegazinha.”



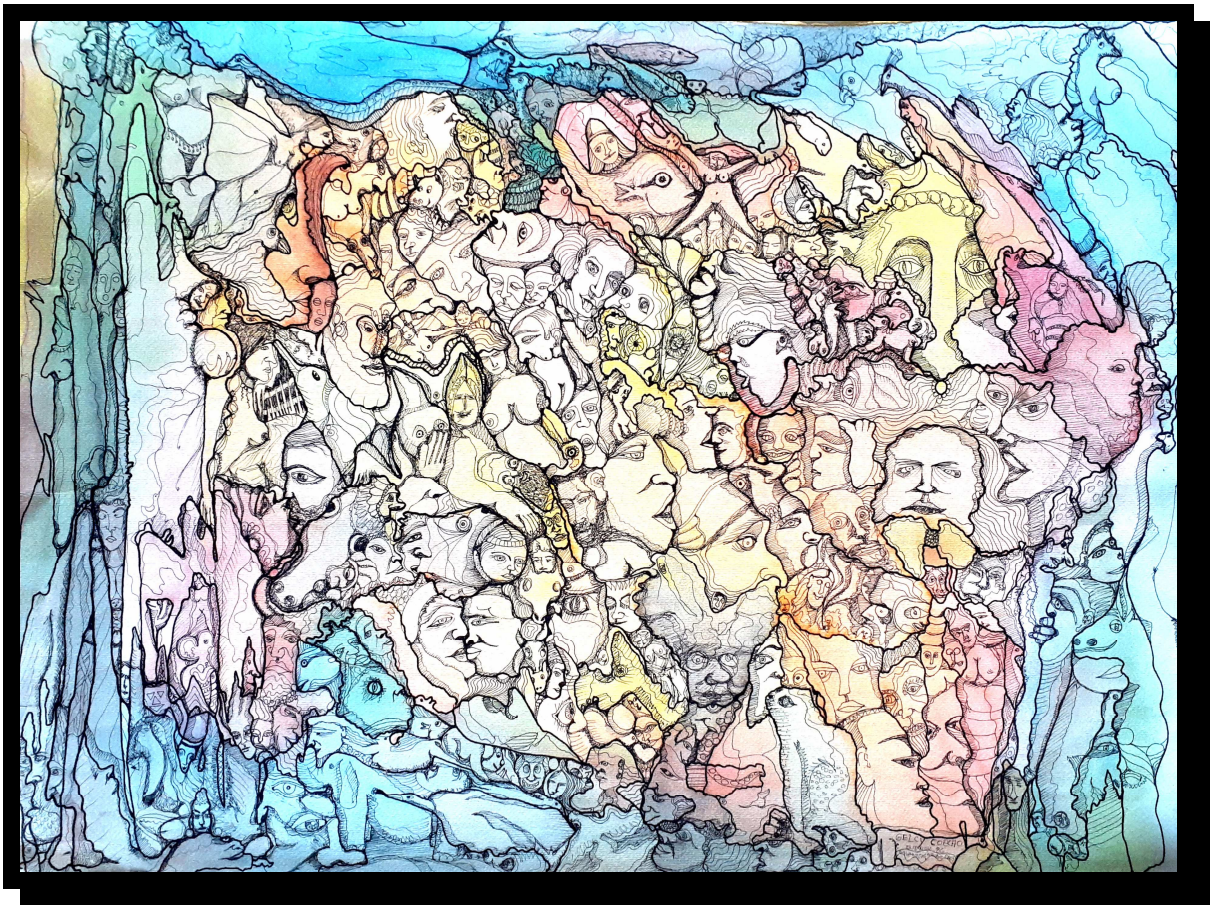
| Gelcy Coelho (“Peninha”) – s. t. – Nanquim sobre papel – c. 1975 |

| Gelcy Coelho - Franklin Cascaes - c. 1980 |

“Em São José nós tínhamos muito acesso às olarias. E eu fazia bonecos de barro. Fazia um monte de bonecos de barro. E tinha um vizinho com quem eu brincava que dizia ter um tio que tinha uma montoeira de bonecos de barro. Isso eu era criança. Quando eu fui pra universidade, lá tinha um museu, o Museu de Antropologia, e eu trabalhava como datilógrafo no departamento de História. Um dia uma professora pediu pra eu ir lá no museu buscar um objeto que ela tinha esquecido. Quando eu cheguei, uma professora de antropologia disse assim: ‘Ah! Eu vou apresentar um artista pra outro artista!’. E me apresentou pro Franklin Cascaes.”

| Gelcy Coelho (“Peninha”) - “Boitatá assanhado e a pedra sensual” - Técnica mista - 1987 |

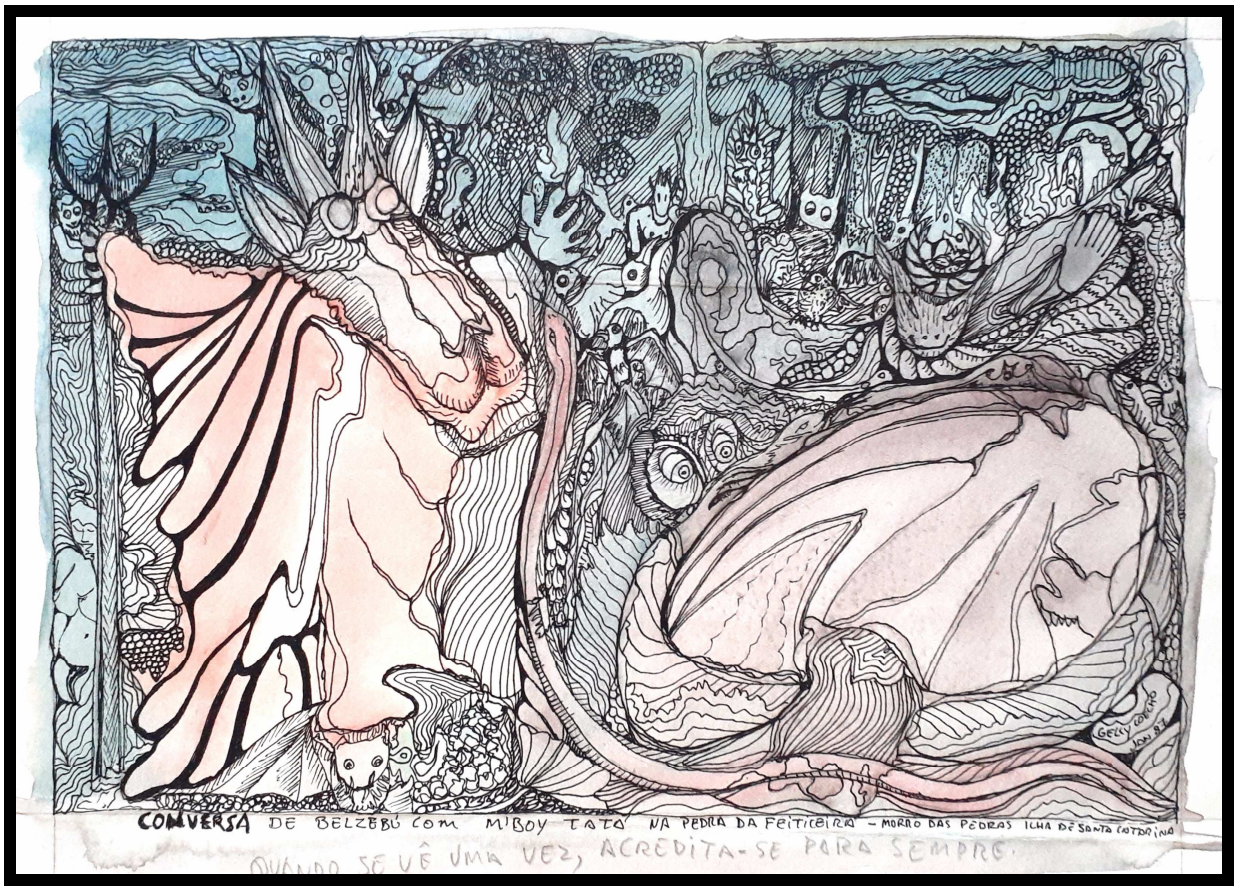
“Na conversa com o Cascaes eu cheguei deslumbrado. Muito admirado de tudo. Ele perguntou de onde que eu era. Eu disse que sou de São José. Então, ele disse: “Eu tenho uma irmã que é de São José”. Aí eu falei que morava lá na Praia Comprida. “Mas a minha irmã também mora na Praia Comprida. É a Beleza. Não conheces? Ela mora perto do Seu Juvenal.” Aí eu disse assim: “Como do Juvenal?”. “É a mulher do Pedro Carroceiro.” Como? A Dona Madalena é sua irmã?”. “É, a minha irmã é Madalena”. Aí, foi uma coisa louca. Eu disse assim: “Mas eu vivo na casa da Dona Madalena. Inclusive, fico muito lá conversando com a Dona Catarina enquanto ela faz tricô ou crochê. Enquanto as crianças deles ficam na escola”. A gente era vizinho. Eu ficava lá com a Dona Catarina enquanto o Seu Serafim tava acamado. Eu contei essas coisas e ele ficou enlouquecido. Isso porque a Catarina, que eu falava com tanta naturalidade, era a mãe dele. **Aquilo que eu vivi ele gostaria de ter vivido.** Aí ele se apegou a mim. Me pedia pra eu falar da mãezinha dele. E eu fiquei entusiasmado com a obra do Cascaes. Era muita coisa. Aí ele ia atrás de mim, ia me procurar lá no departamento. **Aí criou uma afinidade porque eu já tinha visto o Cascaes quando era criança.”**



| Gelcy Coelho (“Peninha”) – “Alegoria dos antepassados” - Técnica mista - s. d. |

| “M'boy-tatá procurando outra ilha” - Técnica mista - 1980 |

“Quando a gente era pequeno, o nosso presente de Natal era uma viagem até o centro de Florianópolis pra ver o presépio que era montado dentro da Catedral. O Dom Felício de Vasconcelos convidava as famílias e a gente ia. De presente de natal era isso. E eu nunca esqueço de dois presépios que o Franklin Cascaes montou lá. Ficaram na minha memória. Um era uns anjos estilizados feito de piteira. Os presépios eram tradicionais, mas decorados. E acabei contando pro Cascaes dessa memória que eu tive. Um dia, um professor fabuloso que a gente tinha, o Baltazar Eble, estava reclamando lá no bar que ninguém ia ao museu. O museu, antes da reforma universitária, era o Instituto de Antropologia. Nós não temos tradição de visitar museu. Nem o pessoal de antropologia ia lá. ‘Ninguém vai naquele museu’, o Eble tava reclamando com outro professor. E eu ouvi e disse: ‘Eu sei como fazer pra levar gente lá. Eu falo com o Franklin Cascaes.’”



| Gelcy Coelho (“Peninha”) - “Conversa de Belzebu com m'boy tatá na pedra da feiticeira” - 1985 |

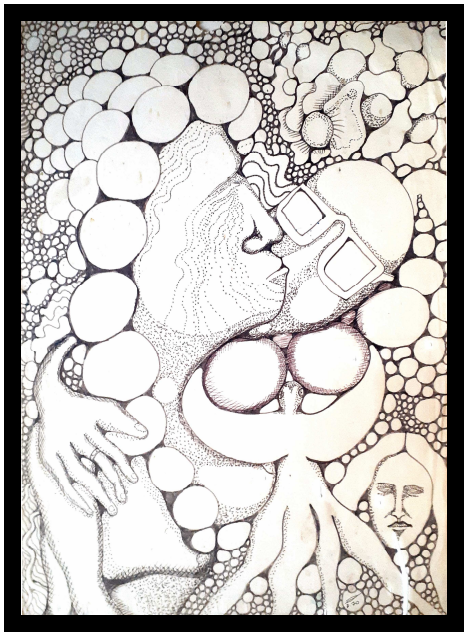
“Na conversa com o Franklin Cascaes eu lembrei dos presépios que eu tinha visto na minha infância e a gente fez uma instalação artística. Um presépio todo feito em material vegetal pra chamar a atenção pra fragilidade da natureza da ilha. Deve ter foto. Ficou impressionante aquilo tudo feito de folha verde, barba de velho, catuto... Era tão doido, tão doido o presépio que os grandes da UFSC fizeram uma reunião dizendo que aquilo era um absurdo. Diziam que não deviam permitir montar uma coisa dessas dentro do campus ainda mais na frente do museu. Quando eu ouvi eles falando isso eu comecei a aplaudir. “É um sucesso! É um sucesso!”. É que eu

acreditava que a polêmica era a base do sucesso. E criou polêmica. Olha, eles quase me queimaram. Foi tanto povo! Pela primeira vez o campus foi invadido pela comunidade que nunca tinha ido lá, que é lugar de doutor, pra ver o tal do presépio. Aí, nesse tempo, eu já estava indo muito mais ao museu. Até sábado e domingo eu ficava lá recebendo os visitantes. As pessoas iam ao museu e viam aqueles engenhos pra fabricar farinha de mandioca, uma praia de pescaria, todas as esculturas do Cascaes... Era lindo. As pessoas nunca tinham visto isso. Daí um falava pra ti e tu ia. Depois tu já chamava não sei quem e ia também. O museu virou um burburinho. Eu provei que a gente podia chamar público pro museu."

| Gelcy Coelho (“Peninha”) - “A serpente e a sereia: ilustração para uma estória sobre a sereia que vivia na lagoa do Perí” - Técnica mista - 1987 |

“Com o tempo eu acabei sendo transferido pro Museu de Antropologia e fui trabalhar com o Franklin Cascaes. Ninguém conseguia trabalhar com ele. As pessoas estavam ali na universidade buscando título e não pra atender um cara idoso. Ele tinha muita necessidade de ajuda fazendo aquela obra toda. Trabalhei dez anos com o Franklin Cascaes. A gente arrasou. Fizemos vários presépios na Praça XV, sob a Figueira. Isso acabou virando tradição. Fizemos também na UFSC outros temas, como o Calvário. Tudo isso com a intenção de chamar a atenção pra fragilidade da natureza da ilha. Foi um sucesso. E com isso a gente acabou montando muitas coisas da obra do Cascaes. Diversos dioramas. Um monte de esculturas. Mas, e daí? Só ele é que sabia como montar aquilo. E eu paulatinamente fui aprendendo a montar conjunto por conjunto. Eu tinha tudo muito bem registrado. Não sei que fim deu. Enfim, foi assim que eu comecei a me envolver intensamente com o Cascaes.”

| Gelcy Coelho (“Peninha”) - "A família e o mistério da vida e da morte" - Desenho - 1993 |



| Gelcy Coelho (“Peninha”) - sem título - Desenho - s. d. |

“Eu mostrava os meus desenhos pro Cascaes e ele achava horrível. Dizia que não tinham perspectiva. Ele me criticava negativamente. Então eu praticamente parei de fazer arte. Eu achava mais importante atender ao trabalho dele. Saia com ele fazendo pesquisa pela ilha inteira. Então, praticamente o meu trabalho de concentração acabou. Parei. Porque pra fazer arte exige tempo. Tu tens que ficar num lugar pra fazer. E eu estava no entusiasmo de entender que a obra do Cascaes é importantíssima. Eu fazia tudo sem pretensão alguma. Era um hobby.”

“Talvez, se eu não tivesse contato com o Franklin Cascaes, quem sabe eu tivesse me desenvolvido mais como artista. Porque com essa história toda, de estar ali com o Franklin Cascaes, eu acabei me transformando em museólogo. E eu fui fazer uma especialização em museologia em São Paulo. Sabes onde? No MASP! Eu estudei dois anos no MASP. Inclusive com os grandes de lá. Estudei com o Pietro Maria Bardi, a Lina Bo Bardi, que é a arquiteta do museu... Eu conheci a nata. Mas a preocupação era aprender pra poder trabalhar na obra do Cascaes. Tanto que a gente resolveu bastante coisa. Inclusive, numa conversa com os professores lá de São Paulo, eu contava quem era o Cascaes e da minha preocupação com a obra dele. Eles chegaram mesmo até a ter vontade de levar o Cascaes pra se apresentar no MASP, mas quando eles viram que a obra dele era muito frágil, eles desistiram. Mas eu contava que também tinha a literatura oral, que eu tinha registrado tudo. Quando ia fazer alguma exposição do Cascaes, eu pegava e dizia assim pra ele: “Qual é o nome desse desenho?”. E ele respondia: “As bruxas roubaram a lancha baleeira de um pescador da Barra da Lagoa pra fazer uma viagem até a Índia...”. Mas isso é um parágrafo. Não é um título. Anos depois, quando eu já havia ficado íntimo e frequentava a casa dele, descobri que ele tinha guarda-roupa muito grande no quarto. Aquele guarda-roupa me incomodava. Aquilo deixava o quarto tão apertado. “Porque esse guarda-roupa tá aqui, seu Franklin?”. “Ah, isso aí é a roupa da Elizabeth”. A esposa dele tinha falecido em 70. “Quando ela voltar, ela vai precisar”. Aí eu fiz ele abrir o guarda-roupa pra ver em que situação estavam as coisas. Na parte de baixo, havia dois sacos de pano e um bandolim sem corda. Uma imagem linda. E os sacos estavam cheios de caderno. Eu comecei a ler.”

| Gelcy Coelho (“Peninha”) - "Cornos de Lua" - s. d. |

“O que é isso?”, eu disse assim. “Ah, isso aí dá muitos livros, teatros, filmes...”. Teatros? Eu tinha feito teatro. “Teatro? Eu quero saber”. Aí, quando eu olhei, aquilo tudo eram os textos dos desenhos. Cada desenho que o Cascaes fazia era a ilustração de uma história. Aí ele tirou o papel da minha mão e disse assim: “Se tu vier aqui no sábado, domingo, eu leio pra ti”. Coitado! Ele passava o final de semana sozinho. Então, eu ia lá pacientemente. E ele me lia as histórias. Acabei datilografando algumas e mandei pra editora da UFSC pra que eles publicassem aquilo. Isso foi em 75. Quando eu estava estudando em São Paulo, em 79, é que me alertaram: “Tu deves ir atrás disso”. Onde estão essas histórias? Eu fui ver. A editora me devolveu o pacote, assim: “Tu achas que alguém vai lê essa bobajarada do Cascaes?”. Pra quê!? Olha, eu fiquei furioso. Eu cheguei a invadir o gabinete do reitor, o Estemer. “Alguém tem que publicar isso! Alguém tem que publicar!”. Alguém tinha que publicar aquilo antes que o homem morresse. Tinham que publicar. Então o reitor chamou um cara lá e foram analisar os textos. Eu voltei pra São Paulo e, quando voltei, o livro estava pronto com título “O fantástico na Ilha de Santa Catarina”. Eu disse assim: “Meu deus do céu, eles vão pensar que é o programa da Globo aqui na Ilha!”. Cara, eu sai a vender! Vendi a edição toda! Depois o livro ficou famosíssimo.”

| Gelcy Coelho (“Peninha”) - "Auto-retrato" - Desenho - c. 1980 |

“Inicialmente o Cascaes queria doar a obra dele pro município de Florianópolis. Mas isso seria um problema, já que o acervo dele requer muita manutenção. Por outro lado, a universidade tinha acabado de construir um prédio chamado reserva técnica. Era uma obra-prima pra conservação. Talvez por interferência minha, já que o Cascaes tinha dúvidas, é que a obra acabou ficando na reserva técnica da universidade. Muito bem preservada, aliás. Lá ela tinha assistência, tinha museólogos à disposição, tinha pessoas pra fazer especialização e se dedicar à conservação da obra. Ali ela teve um amparo. Mas quando eles construíram o prédio do museu foi um desastre porque o espaço não tem estrutura pra se fazer o que Cascaes queria. O Cascaes pensava num grande galpão de chão batido onde a sua obra, que são dioramas, pudesse ficar exposta integralmente. São 42 conjuntos de peças de argila crua. Era isso o que ele pensava: um ranchão mesmo. **Era esse o sonho do Cascaes.** A gente começou então a pressionar a universidade porque eu queria que fosse criado **um memorial da Ilha de Santa Catarina** onde uma das obras expostas fosse a do Cascaes. Porque o Cascaes quando construiu tudo aquilo pensava que um dia ela pudesse ser útil à educação. Ela seria importantíssima pra nós mesmos, pra nossa gente, e pra quem viesse nos visitar. Seria deslumbrante se aquilo tivesse sido montado para atender toda a gente. Isso vem me incomodando

muito. A obra está muito bem guardada. Isso ninguém pode negar. A UFSC é referencia em conservação de papéis. Agora, claro, que esse memorial da Ilha de Santa Catarina é o que seria a coisa fundamental não só para o acervo do Cascaes, mas também para outros acervos que estão aí estocados, guardados, mal-guardados, se deteriorando. É por isso que deveria haver esse espaço nobre que desse dignidade a esses tesouros culturais que nós temos."

Era fim de tarde quando deixamos a morada de Gelci José Coelho.

O artista josefense, discípulo, continuador e transgressor da obra de Franklin Cascaes não gosta que o chamem de "Peninha". Ele prefere "Filho", que era o modo que a sua mãe o chamava quando pequeno.

Gelci é um dos grandes desta cidade, deste estado e deste país.

Merece que o chamemos de Mestre.

Mestre Peninha, obrigado por tudo. ▮

| Luiz Souza | "Serápis-tatá" | Guache sobre papel | 2022 |

TOSCA MAROSCA

Luiz Souza

À memória de Franklin Cascaes.

O Underground Rock Bar, ou Bar do Frank, era um estabelecimento pequeno e sujo, mas honesto. Muito honesto.

O Under ficava bem em frente à Lagoa da Conceição. Próximo às dunas.

Existem muitas histórias sobre a Lagoa da Conceição.

Histórias antigas.

- Daê.

- Olá.

- Massa essa banda aí, né?

- Tu gosta?

- Gosto.

- Então talvez seja.

- Massa.

- …

- Tá sozinha?

- Não.

- Tá com uma galera?

- Pode-se dizer que sim.

- Pode crê.

- …

- E cadê a raça?

- Os meus amigos?

- Isso.

- Por aí.

- Entendi.

- …

- Eu nunca te vi por aqui. És de onde?

- Sou daqui.

- Sério? Não parece.

- Não, né? Mas sou.

- Da hora.

- …

- Queres uma cerveja? Vou lá pegar pra nós.

- Não.

- Num bebes?

- Por que eu beberia?

- Saquei. De boa, de boa. Tranquilo.

- …

- Fazes o quê?

- Eu? O que tu acha?

- Sei lá... acho que tu tem cara de ser de Humanas. Estudas na UFSC, UDESC, CEFET...?

- Já andei por esses lugares.

- Massa. Eu sou do CTC. Faço Sistemas de Informação na UFSC.

- Fascinante.

- Galera de humanas é um pessoal com um jeito bem próprio, né?

- Não muito diferente dos outros, na verdade.

- É...

- Escuta, vamo chegar ali fora? Tava querendo fumar.

- Tu queres mesmo que eu te acompanhe?

- Claro! Bora lá.

- Não. Tu não entendesse a minha pergunta...

- Hum.

- Tu realmente quer que eu te acompanhe?

- Quero, pô! Tô te convidando.

- Não... tu ainda não entendeu.

- Hum...?

- Tu DESEJAS isso?

- Desejo, pô! É claro que eu desejo. Tô te falando...

- Certo.

Era sexta-feira. Noite de lua cheia.

Na programação, uma banda de hardcore oitentista, outra de crust power violence, outra de noise jazz e, por fim, uma de ego-core. A maioria dos frequentadores não ligava a mínima para o que estivesse tocando. A música era só um pretexto.

- Frio, né?

- Não sinto.

- É, dá pra sacar. Tu ficas altas gata com esse vestido aí, sabias?

- Hum.

- Tens namorado?

- Olha, vamos deixar algumas coisas bem claras aqui...

- Hum.

- Tas vendo aquela guria ali?

- Putz! Tu é lésbica!?

- Escuta, guri! Tás vendo aquela menina ali?

- Aquela gordinha de preto?

- Isso. Aquela sozinha bebendo vinho na calçada. Ali, na beira da Lagoa.

- Tá. O quê que tem ela?

- Eu tô aqui por causa dela.

- Não entendi... ela tá contigo? É tua amiga? Namorada? Tua irmã? Não saquei.

- Eu existo, aqui, por causa dela.

- Como é que é?

- Eu existo aqui por causa dela.

- Hahahaha.

- …

- Tu fumou?

- …

- Tá de cara?

- …

- Escuta. Te achei bem linda, na real.

- Eu sei.

- Então, sei lá...

- Não encosta em mim.

- O que foi, pô!?

- Não encosta em mim.

- Não tás afim?

- Eu sou uma bruxa.

- ...?

- Ouvisse?

- ...?

- Eu sou uma bruxa.

- Sério? Não parece...

- Eu vou te dizer só mais uma vez: eu sou uma bruxa. E eu te trouxe aqui pra te convencer disso.

- Nossa! mas eu já tô superconvencido, na real.

- Já te disse pra não encostar em mim, porra! E se eu precisar repetir, tu vai se arrepender.

- …

- Muito.

- Beleza, beleza. Saquei.

– Escuta: bruxas existem. E eu sou uma delas.

– Tá. E porque tu tás me dizendo isso?

– Porque preciso que pessoas acreditem em nós.

– “Nós” quem, guria? Tás maluca? Deixa eu voltar lá pra dentro, deixa. Falou!

– Não, gurizão. Não entendesse. Tu vai ficar aqui comigo. A gente vai terminar esse papo agora.

– Sai fora, sai!

– Tu não disse que desejava isso?

– Sua doida.

– Tu vais ficar.

– Ah, vou! E se eu não quiser? E se eu te deixar aqui falando sozinha? Sua errada. Sua demente.

– Aí, então, o teu pai morre de câncer no intestino.

– O que tu disse?

– Eu disse que se tu voltar lá pra dentro daquela porra de bar, então o Seu Gilson, teu pai, vai acordar amanhã no Hospital Regional tão cheio de dor que a única coisa que ele vai conseguir fazer vai ser urrar e pedir pra morrer até se cagar todo. Toda a cama. Todo o lençol. Todo o cobertor. Todo o colchão. Tudo. Tu já visse alguém literalmente se cagando de dor, André? É mais do que feio ou nojento. É indigno.

– SUA VACA!!! SUA PUTA DO CARALHO!!! VAI TOMÁ NO CU, SUA CADELA!!!

– É melhor baixar a voz.

– VAI SE FUDER! Como é que tu sabe do meu pai? Quem foi que te disse isso, sua doida do caralho!?

– Eu sei, André.

– E como é que tu sabe o meu nome, sua vaca!?

– Eu sei.

– Sua doente!

– Conquistei a tua atenção, não foi?

- Sua doente!

- Agora senta aqui comigo. Vamo conversar a sério.

- …

- Senta André! Te garanto que aqui, na calçada, comigo, tu vai se divertir bem mais do que lá dentro com aqueles noias dos teus amigos.

- Sua psicopata do caralho. Quem és tu, quem?

- Senta aí e eu te conto.

Eram quase 3h da manhã. O Under continuava aberto. A última banda começava a ensaiar os primeiros acordes. Grupos de jovens amontoavam-se em frente ao bar, invadiam a rua, tomavam conta da calçada à beira da lagoa. No meio-fio, garrafas vazias, ou quase vazias, de vinho barato, refrigerante, vodca e cerveja.

As madrugadas de julho costumam ser muito frias em Florianópolis.

- Aí, gurizão! É isso aí. Tá confortável?

- Melhor tu falar logo...

- Eu gosto assim. Quando os caras ficam nesse nível de interesse.

- Vai tomar no cu.

- Mal-educado. Olha, tá bom, vamo começar vamo. Tu lembra da menina ali? A moça de preto?

- O que é que tem ela? Foi ela que te contou do pai? Quem é aquela gorda?

- Não. Ela nem sabe que estamos aqui. Muito menos imagina quem é o teu pai.

- Então o que ela tem a ver?

- Eu te disse que eu tô aqui por causa dela.

- Cara, que viagem...

- Eu te disse que eu tô aqui por causa dela, lembra? E eu te disse que sou uma bruxa. Uma bruxa de verdade.

- Que viagem... Puta que pariu!

– Olha, André, deixa eu te contar uma história que aconteceu comigo há muito tempo atrás. Aqui perto, inclusive.

– …

– Antes de existir esse bar. Antes de existir esses bares. Antes de existir o próprio calçamento dessa rua, tinha um riacho aqui pertinho. Um riacho e uma casinha de pau-a-pique.

– Hum.

– Nessa casa morava uma família. O pai era tanoeiro. Tu sabes o que é um tanoeiro, não sabe? Não, não sabe. Um tanoeiro, André, é um homem que fabrica tonéis, barris. Esse era um tipo de produto muito utilizado por aqui naquela época e esse cara tinha uma boa clientela. A mulher dele, por sua vez, era lavadeira e todos os dias vinha até o tal do riacho pra trabalhar. Ela lavava a roupa das famílias boas aqui das imediações. Sabe, André, essa mulher conhecia os segredos de todo mundo. E isso só por ler as manchas das roupas que mandavam pra ela. Nódoas fresquinhas de sangue, porra, merda, todo tipo de marca que um lençol, uma camisola, uma ceroula, um corpete podem deixar...

– Tu é doida, guria.

– Afe! Que repetitivo tu és! Fica quietinho, fica e me deixa continuar...

– …

– Tinha uma garota na família. Uma menina de 14 anos. Filha única. A mãe e o pai queriam ver a coitada casada. Rápido. Se possível com algum pescador ou roceiro conhecido. Qualquer um, na verdade. Mas com decência e o mais rápido possível. É que pra eles tinha que ser assim, entende? Mulher tinha que casar. E além disso tinha a coisa da austeridade. Quando a menina saísse fora, aí então era uma boca a menos pra dar de comida. Um alívio pra todo mundo.

– Tá. E daí?

- E dai que um dia essa guria veio até o riacho sozinha. A mãe dela tava doente. Tava com disenteria. Não conseguia sair da latrina naquela manhã. A menina, então, veio sozinha até o riacho fazer todo o serviço da mãe.

- …

- Ela trabalhou pra caralho naquela manhã. Lavou uma porrada de pano sujo e fedido. Um monte mesmo. Tanto que, ao meio-dia, ela se sentou em baixo de uma árvore para comer e descansar. Ela comeu pão com peixe frito, chupou uma laranja e bebeu um pouco de água do riacho. Quando se deu por satisfeita, ela deitou. Meia hora depois pegou no sono.

- Não tô entendendo, porra nenhuma.

- Então, ela dormiu sossegada durante algumas horas. Tava uma tarde bonita. Aí, a certa altura, ela acordou com alguma coisa em cima dela. Era um negócio grande, imundo e fedorento. Como uma trouxa de roupa suja. E essa coisa, André, esmagava a menina, sufocava a menina e se metia por entre as pernas da menina. A coitada tentava gritar, mas não conseguia. Ela se debatia, mas a coisa era muito forte. Forte, peluda e com bafo podre. Enfim, pra encurtar a conversa: o marinheiro gordo fodeu forte a menina. Fodeu e gozou dentro dela. Desnecessário dizer que a guria era virgem e que aquela foi a experiência mais aterrorizante, humilhante e dolorosa da vida dela, né?

- É sério essa história?

- É claro que sim! Mas cala essa boquinha que ainda tem mais.

- Hum.

- O marinheiro deixou a moça jogada no mato e foi embora. Nunca mais apareceu na freguesia. A menina chorou muito, se lavou e voltou pra casa só depois de escurecer. Quando ela chegou, encontrou a mãe com um terço na mão, rezando pra Deus trazer a garota sã e salva. Quando a mulher viu o estado da filha entendeu imediatamente o que é que tinha acontecido. O pai, que a essa altura já andava pelos matos procurando a filha, quando viu a

garota também entendeu. Não adiantou muito a mãe gritar e pedir pro marido que tivesse calma. Ele bateu tanto na moça que só parou quando começou a tirar sangue das costas, braços e pernas da menina. Foi punk aquele dia.

– Puta que pariu.

– É. Era uma época difícil aquela, né? Bom, mas o importante é que chegado a esse ponto as coisas só pioraram. Naquele mês a moça não menstruou e, tempos depois, já tinha uma criança na família. Um lindo bebezinho. Grande. Gorducho. Sadio. Ele não foi batizado. A moça continuou morando com os país, mas agora não podia dirigir mais a palavra ao velho. Com a mãe a coisa era um pouco menos escrota. A mulher pelo menos falava com a filha. Tá bom que, por dentro a velha desprezava a guria e, no máximo, tolerava a presença do neto, mas ao menos ela se esforçava. Isso era a situação em casa. Na rua era bem pior. Pela freguesia, pelas costas da moça, o pessoal chamava ela de “rapariga”, “perdida”, “puta”... Galera dizia até que ela dava pra leproso e pra escravo. Não tinha coisa pior naquela época que ser leproso ou escravo, André.

– …

– Mas, assim, apesar de tudo a menina tentava gostar da criança. Ela queria amar o filho. Queria mesmo.

– Hum... E aí?

– Aí é que ela não conseguia. O moleque tinha sido resultado de um estupro, porra! Dá pra entender, né?

– Hum.

– Mas o foda mesmo é que toda noite ela tinha uns sonhos parecidos. Ela tava nua numa igreja, no meio de uma missa, e, nessa missa, todos olhavam pra ela e riam, gritavam e chingavam. No sonho, ela tava com o filho no colo. De repente ela olhava pro menino e não via mais um bebê, mas uma trouxa de roupa suja. Ela ficava aliviada ao ver que a criança tinha sumido. De repente, tudo mudava ao redor. Agora ela tava no riacho, numa tarde bonita, sentada, tranquila olhando a correnteza. Nessa hora ela

sentia uma mão tocando levemente o ombro dela. Era uma mão amiga. Um gesto de conforto. Aí, então, ela olhava pra trás e via um homem bonito. De barba longa e cabelo longo. Tipo Jesus. Só que definitivamente não era Jesus. Ele, então, dizia calmamente pra ela: “tu podes”. Nessa hora a moça sempre acordava assustada, suada e ofegante. E era assim quase toda a noite.

– ...

– Isso durou até o fim.

– Até o fim do quê?

– Até o fim dessa bosta toda. Até o dia em que a menina levou o seu bebezinho até o rio e afogou a criança.

– Como é que é?

– Ela nunca admitiu o que tinha feito. Ao invés disso, criou uma história que passou a repetir pra si mesma todos os minutos, todas as horas, todos os dias, todos os anos, até morrer. O que durou um bom tempo, felizmente. Digo, felizmente pra mim, claro. Pra ela foi péssimo.

– E que história foi essa? Que história ela inventou?

– Então, essa é a parte boa: ela inventou uma história onde uma mulher, muito velha e feia, vinha voando pelo céu, entrava por um buraco na parede da casa, invadia o quarto onde a moça dormia com o neném, roubava a criança e jogava o guri no rio.

– Que pira.

– Eu acho inventivo.

– E quem era essa velha?

– Bobo! Sou eu.

– Como é que é?

– Sim! Incrível né? Desde então eu existo! E é graças a gente como essa pobre coitada que eu sigo existindo ao longo do tempo. Naquele caso, eu fui a bruxa que roubava e matava bebês. Mas também, conforme a situação, eu posso ser a bruxa que destrói as colheitas. Ou a bruxa que adoece o gado. Também sou a bruxa que deixa os homens brochas. Ou que faz o útero

das mulheres secar. Enfim, sou eu. Era eu. Sempre eu. E quando não sou eu em particular, sempre é alguma das minhas irmãs.

– …

– É que iguais a mim existem outras, sabe? Muitas outras. Ou pelo menos existiam.

– Tu é completamente doida, guria. Totalmente fora da casinha.

– Certo. Ceticismo é uma coisa que eu já tô acostumada a lidar ultimamente. De todo modo, sabe a garota de preto?

– Hum?

– Ela quer ser uma de nós, coitada. Quer ser uma bruxa. Na real, ela é só uma adolescente assustada, tentando descobrir o seu lugar no mundo e se defender do jeito que pode. Só que, aí é que tá: o fato de ela acreditar na possibilidade de um dia poder vir a ser uma bruxa de verdade lhe dá conforto. Dá a ela a sensação de poder. Espanta os demoninhos dela. Então ela crê. Crê com todas as forças na existência real, concreta, de seres como eu. Do mesmo modo que a minha amiga lavadeirinha acreditava em mim, pra poder manter alguma sanidade, essa garotinha aí também tá completamente convencida disso. A única diferença é que, antigamente, gente assim fazia esconjuro, reza...

– Reza?

– Sim. Tinha uma que eu achava massa, até... Mas como era mesmo...?

– Que reza?

– Ah, lembrei! Era assim, ó:

Pela cruz de São Saimão
Que te benzo com a vela benta
na sexta-feira da paixão

Treze raios tem o sol,
treze raios tem a lua

Salta demônio para o inferno,

pois esta alma não é tua.

Tosca Marosca, rabo de rosca

Aguilhão nos teus pés

e relho na tua bunda.

Por baixo do telhado,

São Pedro, São Paulo e São Fontista

Por cima do telhado, São João Batista

Bruxa tatarabruxa,

tu não me entres nesta casa,

nem nesta comarca toda.

Por todos os santos, dos santos,

Amém!

- Que porra é essa, guria?

- Massa, né? Mas hoje, fora alguns velhos, isso acabou. Atualmente o mais comum é que o pessoal vá até uma lojinha de camelô compre umas bugiganga, coloque num canto da sala e chame isso de “altar pagão”. Sabe como é, pentáculos, pires com sal, cristais, pedrinha colorida, pena de bicho morto, incenso, vela... essas porra. Acho tudo isso bem brega, na real, mas foda-se. O fato é que eu existo por causa de gente que faz esse tipo de coisa. Gente como aquela moça ali. Frágil e assustada. E no dia que pessoas como ela deixarem de existir ou acreditarem em mim, no dia que elas deixarem de acender os seus incensozinhos fedidos, então eu enfraqueço e desapareço. Sumo no éter, como se dizia. Cara, tu não imaginas o quanto é frio e solitário no Esquecimento. Ou pelo menos não por enquanto, já que um dia tu também vai acabar lá. O Nada, André, é tranquilo perto do

Esquecimento. Muito mais tranquilo. Seria ótimo poder voltar pro Nada, na real.

– Guria, ou tu é muito doida ou tá completamente sequelada. Totalmente.

– Bastante informação, né? É que às vezes eu falo demais. Sou muito ansiosa, acho.

– Doida. Doente. Maluca do caralho.

– Tá bom, André. Tá bom. Tô vendo que contigo o negócio tem que ser mais hard.

– Tô vazando.

– Tá bem. Vai lá.

– Fui.

– André! Só mais uma coisa...

– Hum?

– Amanhã, quando tu fores visitar o teu pai na UTI...

– O que? O quê que tem o meu pai?

– Lembra de mim, tá bom?

– …?

– Só lembra.

O show havia acabado. O bar já estava fechando. Os grupos se dispersavam pela avenida.

A moça de preto continuava sozinha, sentada na calçada, bebendo o que restava de uma garrafa de vinho tinto seco. Ela não queria voltar para casa. No céu, a lua cheia, branca, profundamente branca, sob um céu de abismo se refletia na lagoa. A jovem olhava para a Lua e para as águas. O silêncio e o ruido leve das ondas a acalmavam.

Não era a toa que existiam tantas histórias sobre aquele lugar. Havia alguma coisa de fantástico ali. ▮

| Luiz Souza | "Bruxa do mar" | Guache sobre papel | 2022 |

I

Belzebu,

Baal Zebul,

Baalzebub,

também referido por

Belzebuth,

ou, em hebraico, Baʿal Zavûv.

Senhor das Moscas.

Disseminador da morte,

da podridão,

da pestilência.

Comandante em chefe das nove milícias infernais.

Segundo a tradição,

uma vez invocado,

torna-se extremamente difícil

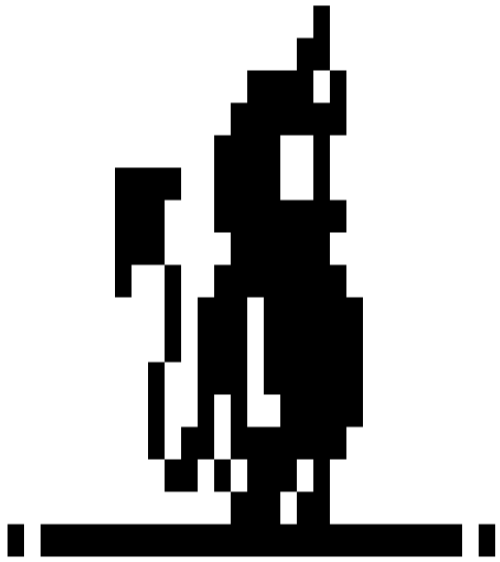
livrar-se dele.

Luiz Souza

VIRGIL'S PURGATORY
PAUSE
PAUSE
PAUSE
PAUSE
AMAWEKS
ZX

Devwill Too ZX

Apreciação crítica de um jogo anacrônico*



| Filipi Veiga

Algures numa realidade perdida, nas margens de um mar primordial encontra-se um ovo, adormecido há éons. Surge uma fissura que vai rasgando a sua casca protectora. Subitamente o ovo explode num assopro que dá vida a uma pequena criaturinha artificial. Um Homúnculo, cuja consciência foi atirada para o mundo exterior. Sozinho, enxerga o seu reflexo nas águas plácidas que testemunharam o seu nascimento. E questiona-se sobre o sentido da sua individualidade... Existirão outros como ele? Olhando para o horizonte repara num portal, talvez erguido para responder ao dilema existencial deste pequeno ser. Ele segue na sua direção e após um momento de hesitação, atravessa-o em direção ao desconhecido.

Do outro lado apresenta-se um mundo exótico, de natureza luxuriante e geografia colorida. Florestas pontilhadas por ruínas de civilizações desaparecidas. Grutas e cavernas misteriosas que escondem mistérios antigos.

Vagueando com os sentidos perdidos nessa nova experiência, o Homúnculo mal se dá conta que este espaço é o lar de estranhas e perigosas criaturas; uma aproxima-se e o instinto fá-lo saltar sobre ela, esmagando-a! Desta vez escapara, mas outros olhos observam-no de longe.

---

* Resenha publicada originalmente em *Planeta Sinclair*. Disponível em: http://planetasinclair.blogspot.com/2021/02/devwill-too-zx.html

O pequeno ser artificial continua a sua viagem e encontra lá ao alto numa plataforma inacessível, um Ankh que lhe sussura um encanto aos seus ouvidos. Entende a urgência de aprender como sobreviver neste mundo bizarro, pois algo no seu íntimo leva-o a demandar pelos cálices do conhecimento e alcançar a chave da Vida. Talvez consiga chegar ao seu destino e entender o fim da sua existência!

A estória por mim narrada poderia ser a sinopse de Devwill Too ZX, mas não o é. Entendi a descrição minimalista da introdução ao jogo, como uma carta branca do autor para ceder espaço à imaginação do jogador. Abusei dessa confiança e criei a minha interpretação deste lindo jogo carregado de significado existencial. O protagonista é um Homúnculo cujo propósito é procurar o seu sentido da vida. Uma entidade cabalística terá criado este ser à sua imagem através de artes de alquimia há muito esquecidas. Aos nossos olhos o recém eclodido afigura-se como um diabinho de pele vermelha surpreendentemente ágil para o seu pequeno tamanho.

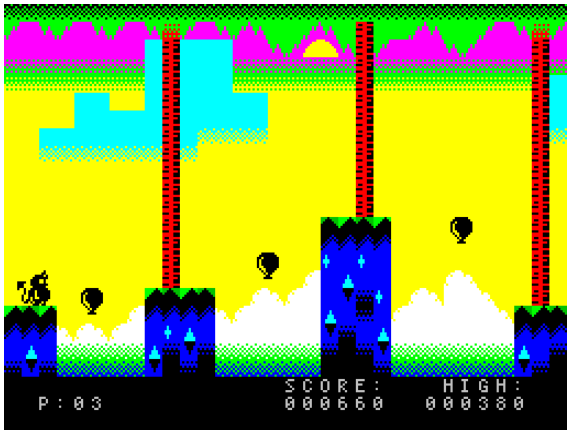
Os gráficos são coloridos e contrastantes, fazendo bom uso dos atributos de cores, e gerando a atmosfera certa para os lugares que o Homúnculo atravessa, sejam as úmidas grutas, as florestas primaveris ou as ruínas opressivas. O nosso diabinho move-se graciosamente pelo cenário com um controlo bastante responsivo, tornando agradável a experiência de percorrer as várias partes deste mundo perdido. Muitas secções deste mapa estão inacessíveis ao nosso herói que só lá chegará se encontrar os cálices que activam duas novas habilidades absolutamente necessárias para a conclusão do jogo.

A primeira é o salto duplo que permite ao nosso diabinho ascender mais alto, alcançando plataformas inacessíveis ao salto simples. A outra habilidade é a rasteira que projecta o protagonista num movimento horizontal muito rápido, destruíndo obstáculos que bloqueam os acessos a algumas cavernas. Uma em particular está encerrada por

uma porta indestrutível na qual está desenhado um Ankh. Este símbolo representa a chave que se encontra visível, porém inalcançável no início do jogo, sendo necessário encontrar um caminho alternativo pelo mapa de 44 ecrãs, povoado por criaturas hostis e dotado de obstáculos perigosos que ao mínimo contacto resultam na perda de uma vida.

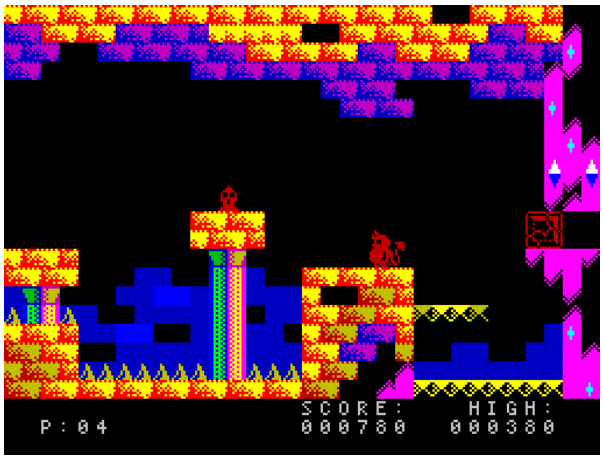
Mas nem tudo são agruras pois espalhadas por essas paragens também estão várias Garrafas da Vida que restituirão uma vida ao nosso Homúnculo, sendo que só existem nove destas garrafas, algumas muito bem escondidas. Perigos como abismos profundos e aguilhões cortantes devem ser evitados, mas outros como os agressivos habitantes deste mundo podem ser derrotados com um salto preciso do nosso diabinho sobre a cabeça destes. E se fizer uso da sua manobrabilidade no salto, poderá eliminar uma combinação de inimigos antes de pisar o chão, o que se reflectirá na pontuação adquirida: 10, 20, 40 e 50 pontos para 2, 3, 4 e 5 criaturas consecutivas, respectivamente.

A ambientação é reforçada pelas músicas que se sucedem em momentos-chave do jogo. A cada habilidade aprendida abre-se uma nova música que gera uma atmosfera diferente, reforçada pela introdução de novos inimigos no mapa e resultando numa crescente expectativa para o clímax do jogo. A disposição do próprio cenário contribui para uma percepção de um mundo ilusório que se sobrepõe à lógica. Vários espaços parecem repetir-se apesar de corresponderem a caminhos distintos no mapa. É compreensível que a reutilização de ecrãs seja um mal necessário face à escassa memória da máquina que renderiza o mundo virtual do nosso Homúnculo. Curiosamente serve perfeitamente à percepção de imensidão onírica de quem atravessa um vasto mundo esotérico.



Muito temos escrito sobre o produto da criação mas.. e sobre a fértil mente que gerou a mesma? Amaweks é alcunha/apelido do brasileiro Paulo Andrés, ilustrador, pixel artist e game designer de Florianópolis (Santa Catarina, Brasil), que se estreia nas lides do ZX Spectrum com este fantástico Devwill Too ZX. Longe de ser inexperiente, Paulo conta já com um catálogo de títulos autorais em diversas plataformas, tendo até se aventurado no mundo retro da consola Mega Drive. O universo de Devwill Too ZX tem atravessado gerações tecnológicas, desde o moderno PC até às máquinas arcanas dos anos 90 e 80. Não é de se estranhar que logo a primeira

criação de Paulo no pequeno Speccy pareça tão coesa e aprimorada aos olhos do jogador.

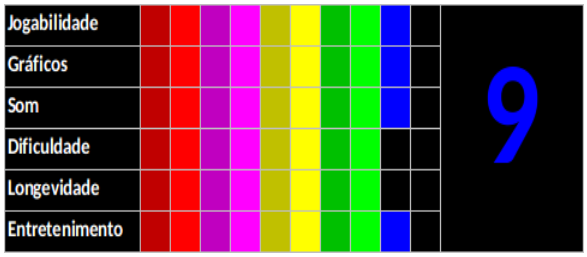


Desenvolvido no Multi-Platform Arcade Game Designer, é mais um jogo de entre muitos oriundos desta ferramenta. Ainda assim, do ponto de vista puramente técnico, é graficamente competente, tirando partido da limitada paleta de cores do ZX Spectrum, com uma jogabilidade muito agradável e uma excelente composição de músicas, não fosse o Paulo experiente em desenvolvimento autoral.

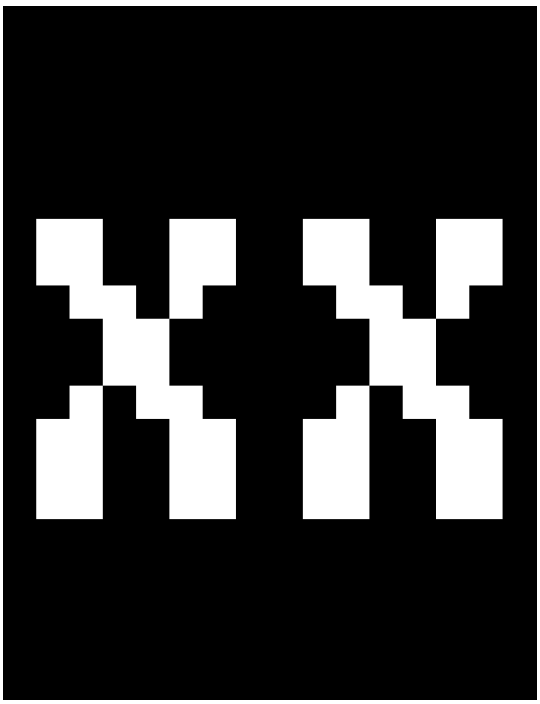
O jogo não representará um desafio para os viciados em dificuldades extremas, mas também não é pêra doce para o mais casual dos jogadores. É bem acessível para a partir do momento em que dominamos o salto e formamos uma imagem mental do mapa de jogo.

Mas o verdadeiro valor em Devwill Too ZX está no seu conteúdo filosófico: a eterna questão do sentido da vida. A premissa não poderia ser mais simples: um introspectivo ser artificial, sem um progenitor conhecido, parte em busca da Chave da Vida para se confrontar com a verdade que esconde um... Não! Não serei desmancha-prazeres! Os que quiserem conhecer o destino do Homúnculo devem-no fazer jogando Devwill ZX Too que está disponível neste link a um preço muito acessível (pouco mais que um cafezinho)!

E afinal, o que esconde a Chave da Vida? Alguma vez saberemos? ▮



| Luiz Souza | "Virgílio no Inferno" | Guache sobre papel | 2022 |



Há uma memória transgênica que
jaz entre nós,

sementes bonitas

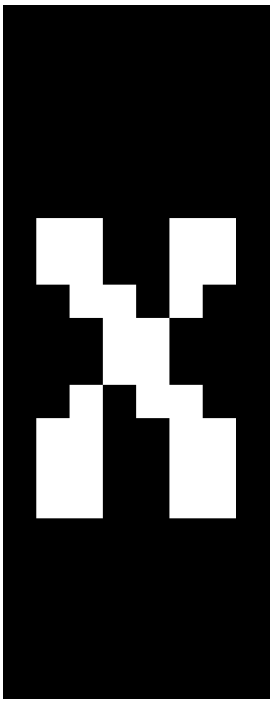
galinhas simpáticas de olhos
rubros

sapos bojudos

e crianças-futuro

cadavéricas, desfiguradas F. G.

| Luiz Souza | "Gótico ilhéu" | Gravura digital | 2022 |



que ironia a morte das abelhas

na estreia da ibovespa

vejam, os chefes degustam

o whisky de Dow Jones

as mucamas, secretamente
irritadas

que servem o leite iodado

vacas de nasdaq

Um bebê chora em Wall Street

– o jornal diz

está frio o dia

e o dólar está em alta

As bolsas americanas

também vão bem

a Boeing, se deus quiser,

voltará aos céus

em maio deste ano

eu, porém

que nada sei

de mercado financeiro

antecipo a sorte

invisto em títulos

no mercado de mendigos

pego o whats do coveiro

voo raso

dou adeus aos meus morcegos

beijo a minha barata braba

que consolo lindo no reino das sarjetas

caiu os juros

do cheque especial

tudo bárbaro,

chegou a minha vez

vou comprar um terno novo

para a noite eterna do enfermo

tudo pronto

em três vezes no boleto

A dignidade do morto

Com certeza vai intrigar

um punhado de analistas

e uma missa online será rezada

por evangélicos virtuais

no Templo GIF de Salomão F. G.

Firmina

André Luiz

Terça-feira tediosa de férias. Apartamentos em seu nome, um jovem de 37 anos, segunda esposa linda para exibir aos amigos, olhos verdes estralando na face, professor universitário, triplex na beira-mar, casa enorme de frente para a praia, cinco idiomas no cérebro. Nada disso o fez dissipar a ideia de rumar para o centro de Florianópolis em busca de um puteiro barato, onde as pessoas não são coisas apenas do seu próprio ponto de vista.

- Boa tarde. Você pode esperar nesse sofá.

- Beleza.

- Quer alguma coisa, tem cerveja, água, refri.

- Não, não, estou bem.

- É a primeira vez aqui?

- Sim, sim, aqui é a primeira vez.

- Tá. Espera um pouquinho que as meninas já vêm.

- Tá, beleza.

O sofá era grande e ficava numa parede bem embaixo da escada que levava aos quartos. Era duas e meia da tarde e fazia um calor infernal. O lugar não parecia ter ar-condicionado, mas era naturalmente fresco e bem arejado.

- Aqui estão elas. Maíra, Marcela, Mariane, Jeane, Malu e Firmina.

- Humm, deixa eu ver. Posso ver? Humm (plac!), que bundinha, hein Jeane! Ah, só um beijinho, deixa! hahaha!

- Firmina, interessante o nome...! Posso? Nossa! - sussurrou no ouvido, para que apenas ela ouvisse - que peitão grande gostoso! É natural? Que dentes... você tem um sorriso lindo!

- É sim, mas não pode ir pegando assim...

- Tá, beleza, é tu.

- Uma hora?

- Sim, uma.

- Só acertar o pagamento ali com a moça, não mexo com isso.

- É cartão, senhor?

- Não. Aceitam pix?

- Ok, Firmina, leva o moço para o quarto. Gostaria de tomar um banho?

- Opa, quero, aham.

Branco que nem um demônio, sarado de academia, aparecendo tudo quanto é veia, o cara ficou de cueca box no quarto esperando por Firmina.

- Oláááá..., que lindo o senhor é...

- Sabia que eu nunca comi uma morena?

- Você quis dizer preta?

- Isso, isso, preta.

- Pra tudo tem uma primeira vez na vida, doutor.

- Verdade. Vem cá. Você é muito gostosa. Grandona... Cavalona... Pirei nesse peitão gostoso, dá ele aqui? Ai... É natural, né?

- Sim, sim. O que mais poderia ser?

- É que hoje silicone qualquer uma tem, né. Mas nada como pegar e mamar um natural. (Glub, glub, glub...).

- Certo, sei, sei... Então aproveita, doutor...

- Esse rabo é sensacional também. Ai...

- Humm... Tá pago, doutor, fica à vontade...

Já passava pela cabeça dessa desgraça ficar pelo menos duas horas com Firmina. Depois de darem a primeira, o bosta resolveu que faria o favor de ser simpático:

- Você é daqui?

- Sim, sou aqui de Desterro.

- Ah, você também é adepta dessa coisa de mudarem o nome da cidade...

- Oi? Hahaha! Tá louco, doutor?

- Sim, tem um pessoal que quer mudar o nome, falam que o nome é um símbolo da subserviência das famílias tradicionais da cidade à ditadura do Floriano e não sei que lá. Ninguém leva esse pessoal a sério, nem sabe que existem.

- Peraí, cê tá começando a assustar eu. Que Floriano?

- O segundo presidente da República. Tu não deve saber nada de história.

- Deixa pra lá, foda-se, esquece. Você trabalha aqui há muito tempo?

- Desde que meu marido morreu, era tuberculoso. Decidi

libertar toda a minha família à custa de minha virtude. Trabalho aqui pra poder morar sozinha também. Pago de meia para o meu senhor.

- Paga o quê?

- O jornal.

- Que jornal, meu deus do céu... O que tu tem de gostosa tu tem de maluquinha...

- O senhor deve ser abolicionista. Não deve ter escravo. Diz que a abolição tá pra sair, mas eu nem acredito em mais nada. Trabalho assim: todo o dia a dona da pensão lá embaixo passa os clientes que eu atendi pro meu senhor. Ela paga a metade pra ele e eu fico com a metade. Estou formando um pecúlio para ser alguém, sim senhor!

- Já entendi. Tu tá querendo me zoar. Eles não passam meu nome pra ninguém, né? Você é militante ou alguma coisa assim...

- Militante? Não sei o que é isso... Não passa nome, não. É só quantos eu atendi e os tempo. O senhor é casado né...

- Tá, tá, vamo deixar essa maluquice pra lá.

E lá foi o mal parido beijar Firmina, estralou sua boca diversas vezes e ia descendo aquela língua imunda por todo o seu corpo, apalpando tudo o que podia. Estava intrigado com o que tinha ouvido antes; mas estava satisfeito com aquele mistério, pois ficara com ainda mais tesão. Tanto que terminou a próxima em cinco minutos...

- Minha nossa, que puta gostosa você é hein! Assim vou me apaixonar. Eu não valho um ovo mesmo. hahahaha.

- Não chama eu assim, doutor, que ainda tenho vergonha.

- De gostosa ou de puta? Hahahaha.

- Os dois.

- Tá, tudo bem. Mas quero te encontrar fora daqui. Queria te pegar em outros lugares também. Vou viciar nessa preta! Qual seu número?

- O número do cortiço onde eu moro?

- ahahahaha. Começou! Quero o teu whatsapp...

- Não sei o que é isso, não senhor.

- Olha, estou começando a achar que tu é maluca.

- Não fala isso, doutor. Tenho uma irmã que trabalhava aqui e terminou na casa do seu alienista. A pobre é judiada todo dia por aquele demonho. Mas eu hei de libertá-la!

- Olha, não entendi porra nenhuma de novo. Mas tô gostando desse teatrinho, sua cadela gostosa do caralho. Agora tu vai ver. Vem, vem...

Simplesmente não há palavras para narrar o que este pilantra fez em seguida. A escrotidão em pessoa aproveitou bastante e fez tudo com toda a força que podia. Bateu com força no rosto de Firmina algumas vezes, fora outras batidas pelo corpo. Como ela não reclamou, pensou que ela tivesse tesão nisso... Afinal, se não tivessse, reclamaria, não é mesmo? Demorou um pouco mais dessa vez e ainda assim terminou querendo mais.

- Eu vou querer mais uma hora. A visão do teu rabo de quatro é de outro mundo...

- Uia! Gostou mesmo da preta hein, meu senhor...

- Peraí.

Ligou na recepção e avisou que ficaria no quarto sem tempo determinado. Mandou trazer cerveja e água.

- Tem alguma artesanal?

- Aqui não tem, senhor. Tem Brahma, Stella e Eisenbahn.

- Quero três Eisenbahn e duas águas, então.

Uma loira siliconada foi pessoalmente levar a encomenda do sinhozinho de classe média. Sem sutiã e com uma camisa branca fininha, pegou no membro do ilustre executivo de compras e jovem professor universitário e disse:

- Tá aqui. Tem certeza que não quer mais nada?

- Não, tô adorando o que tem aqui no quarto.

- Humm. Se quiser dobrar a felicidade, estou lá embaixo. Estava atendendo quando tu chegou.

- Sim, ainda bem que tu tava atendendo, se não estaria aqui no quarto comigo. Mas hoje dei mais sorte. hahahaha.

Fechando a porta, entregou água para Firmina, que o fitava assustada, mas dissimulando perfeitamente:

- Pega aí.

- Obrigado, doutor.

- Nada... Deixa eu te perguntar uma coisa: onde você mora?

- No cortiço do Rio da Bulha, meu senhor.

- Onde?

- No Rio da Bulha. Você não é daqui, né. Rio da Bulha é um ponto muito bom aqui de Desterro.

- Tá, tá, onde fica isso?

- O senhor vai sair aqui do sobrado, segue em frente caminhando três minutos e já chegou.

- Então fica aqui perto...

- Fica, sim senhor.

- Certo. Você conhece algum pessoal da universidade?

- Universidade... conheço não senhor.

- Humm. Você parece não ter escolaridade, mas falou em abolicionismo...

- Não se fala em outra coisa no cortiço, meu doutor.

- Cortiço, sei. E você, o que acha disso?

- Acho bom, esses meninos de casaca tem boa intenção na cabeça, mas isso nunca vai mudar. Fora que eles vivem aqui se deitando com as escravas. Emprenham as menina sem nem saber! O senhor parece com eles... Senhor quer saber é de vintém no bolso. E político, que deveria olhar por nós, serve pra nada, só pra engambelar.

- Hummm, sei. Você gosta de trabalhar aqui?

- Claro, claro... Trepar o dia inteiro e ganhar a liberdade em seis meses, quem não quer...? Agradeço todos os dias ao bom Nosso Senhor Jesus dos Passos por essa oportunidade.

- Aham. E você gostou de mim?

- Claro, claro... muito. O senhor é lindo de morrer, parece um barão. Adorei me deitar com o senhor e quero mais... Mas ia gostar mais se vosmecê me deixasse um dinheiro pra comprar a liberdade da preta...

- Estou cansado... Mas vamos fazer assim. Olha lá na minha carteira. Vê se tem o que você precisa pra fazer com vontade. Dessa vez quero ficar paradinho. Estou cansadinho...

- Minha nossa. Tem, sim senhor. É tudo meu?

- É sim, sua vagabunda, cavala, vem cá vem! Se tu fizer com toda a vontade, é tudo teu, e ainda te dou mais.

Ele obviamente nada notou, mas o Firmina encheu a mão de saliva. Ela fez tudo com a maior força que podia. O ignóbil miserável parecia que entraria num nirvana a qualquer momento, pelo

amor de deus. Os olhos de Firmina flamejavam de ódio, mas quem disse que alguém poderia ver?

- Eu vou comprar seu passe, quero você só pra mim, que rabo é esse!

- Vai ter, doutor, vai ter, pega aqui, pega forte...

Quando terminou o trabalho, o homem quis dormir um sono. Ficou no quarto mais meia hora dormindo, exausto e satisfeito com sua tarde. Firmina saiu do quarto e deu por encerrado seu expediente. Na saída do sobrado, ficou esperando com três homens negros, calças brancas, navalha nas mãos, na cinta, nos tornozelos, chapéu na cabeça, descalços, sobrancelhas arqueadas para baixo.

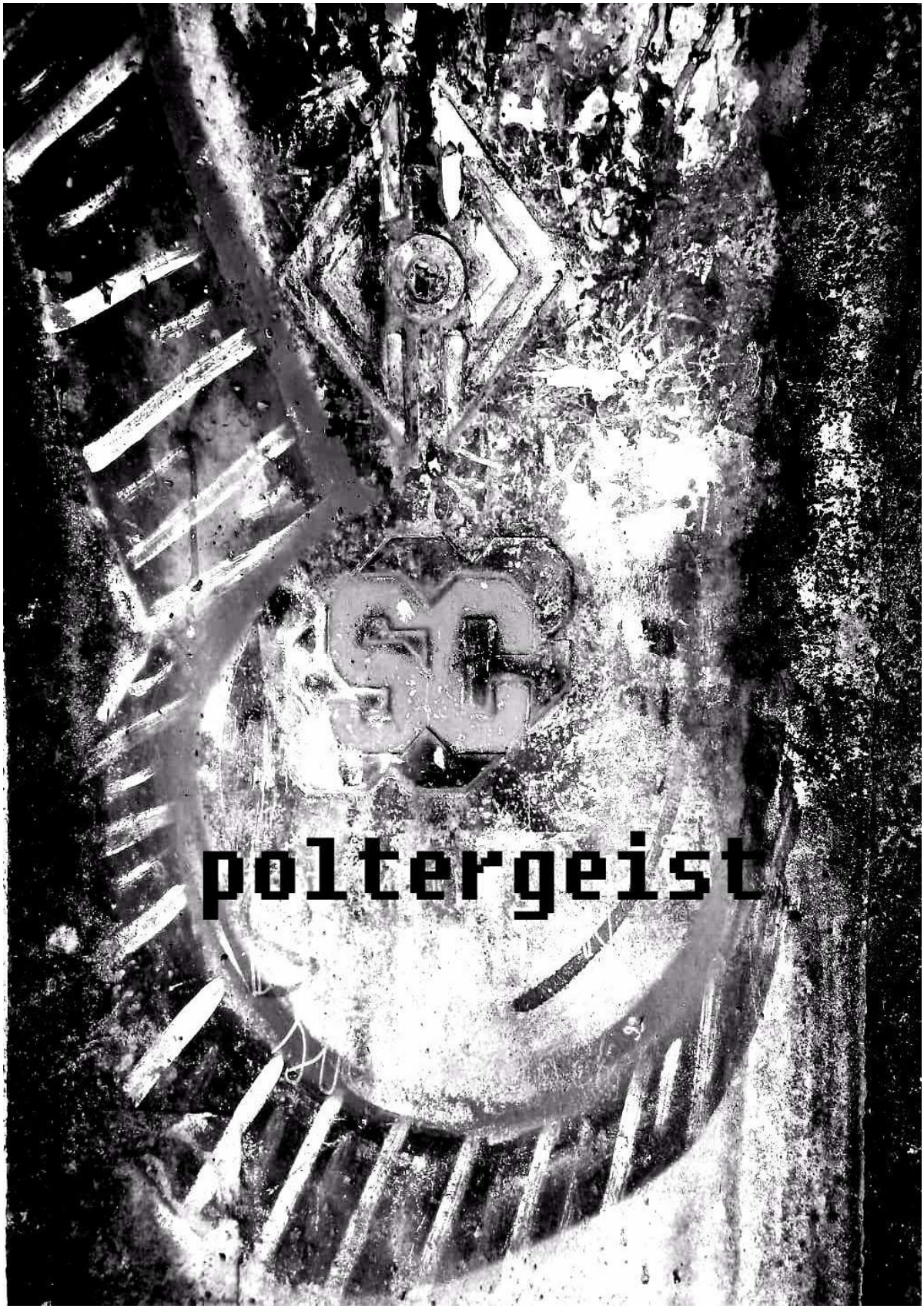
Quando o vagabundo passou, Firmina apontou. Lá foram os três. Deixaram passar seis quadras. Avenida Trompowsky, dizia a placa. Passava uma jovem loirinha de calça legging atochada numa bunda enorme, cintura fina, com água nas mãos, toalha no ombro. Passou um rapazinho de fone. Uma estudante da escola normal. Dois abolicionistas de casaca. Três estivadores jurando alguém. Um idoso com um poodle.

- Ei, sinhozinho, vassauncê esqueceu um negócio com a Firmina, toma aqui. Para lá, para lá. Espera.

- Sinhozinho? Não sei do que você tá falando, cara.

Deixaram os intestinos dele à mostra na calçada e riscaram a cara toda, como mandava o costume.

Era uma terça-feira de trabalho. Eu via e ria que me acabava.


poltergeist

Session Start: Fri Oct 17 20:08:15 2003

[20:08] Sessão Ident: Amaweks (war_pigs@200-101-197-089.fnsce7007.dsl.brasiltelecom.net.br)

[20:08] <DrFaustus> ow amaweks

[20:08] #Amaweks# Nome: distopic world

[20:08] #Amaweks# Usuário: # war_pigs@200-101-197-089.fnsce7007.dsl.brasiltelecom.net.br#

[20:08] #Amaweks# Canais: #devwill #virgil #anacronia

[20:08] #Amaweks# Servidor: #irc.matrix.net.br#

[20:08] #Amaweks# possui nick registrado

[20:08] #Amaweks# está idle a 55mins 25secs

[20:08] <Amaweks> opa!

[20:08] <Amaweks> dae luiz

[20:09] <DrFaustus> como é que tá?

[20:09] <Amaweks> tranquilo

[20:09] <DrFaustus> e ai? Under hj?

[20:09] <Amaweks> num rola. To com uns trampo aqui pra resolver.

[20:09] <DrFaustus> maldito adulto

[20:09] <Amaweks> hehehe

[20:09] <Amaweks> mas diga...

[20:10] <DrFaustus> então, tava aqui pensando numas coisa que a gente discutiu antes sobre o manifesto da arte anacrônica.

[20:10] <Amaweks> hum...

[20:10] <Amaweks> manda

[20:10] <DrFaustus> então...

[20:10] <DrFaustus> Acho que seria mais adequado falarmos de tempo sempre no plural

[20:10] <DrFaustus> algo inclusive a se rever no manifesto

[20:10] hum...

[20:10] <Amaweks> é, acho que falar de tempo no plural é um detalhe importante que tinha nos escapado

[20:10] <Amaweks> e já que tamo falando no assunto, quanto aquela tua proposta de fazer uma “música anacrônica”, achei interessante, quando der vamos por em prática.

[20:10] <Amaweks> de fato, aquilo é algo novo, é experimento, vale tudo, o importante é ter parâmetros pra depois avaliar o que saiu da experi~encia

[20:11] <Amaweks> mas fico pensando em comparar a música com outras formas estéticas.. por exemplo, o que nós podemos chamar de anacronia na literatura? É o que está no papel mas num estilo que não pode ser definido no tempo? Ou uma literatura feita, como tu já propôs, em outros espaços além do papel?

[20:11] <DrFaustus> uhum...

[20:11] <Amaweks> acho que uma coisa que tá parecendo que tem no trabalho de arte anacrônico é evitar purismos de lingaugens

[20:11] <Amaweks> são linguagens hybridas, de formas particulares que tem a ver com as ferramentas a disposição no nosso tempo, e que nos permitem nos apropriarmos de outros tempos

[20:11] -BrasIRC- Seu mIRC está travando aparentemente sem razão? Estão derrubando você com um comando que trava algumas versões do programa. Enquanto você pega a versão 6.12 do mIRC no site oficial (http://mirc.brasirc.net), você pode se proteger digitando o seguinte comando: #/ignore -wd *#

[20:11] -BrasIRC- Este comando fará com que você ignore qualquer DCC mandado por outro usuário. Portanto, após atualizar o seu mIRC, remova o ignore digitando #/ignore -rwd *# para voltar a receber DCCs.

[20:11] <Amaweks> e não é só o “escrever um livro e digitalizar em pdf pra distribuir na itnernet”... não, isso é só uma mudança de veiculação, mas aidna é feito como se fazia nos anos 90, por exemplo

[20:11] <DrFaustus> sim...

[20:12] <Amaweks> é, entre outras coisas, a literatura feita a partir de comentários de internet, por exmplo?

[20:12] <Amaweks> É a música feita com fragmentos de áudio dos dispositivos atuais? Etc..

[20:12] <Amaweks> por isso acho que a tua proposta do set list de músicas no celular, sendo reinterpretadas e se criando a partir delas, é sim algo interessante e que vai nesse sentido

[20:13] <DrFaustus> boa, amaweks

[20:13] <DrFaustus> Acho que tu tocou num ponto essencial que eh a hibridação de linguagens

[20:13] <DrFaustus> Sem duvida uma literatura realmente contemporânea, seja ela anacrônica ou não precisa ser hibrida em termos de linguagens e suportes sim

[20:13] <DrFaustus> Eh por isso q eu acho que coisas como os teus jogos são tbm literatura

[20:13] <DrFaustus> Do mesmo modo cono muito do que se escreve na internet pode tbm ser apropriado como literatura

[20:13] <Amaweks> sim, sim

[20:13] <DrFaustus> Ai entra a noção de ready made do duchamp. Esse nosso dialogo aqui, se deslocado pra página impressa de um livro e se chamarmos esse livro de romance serah sim literatura

[20:13] <DrFaustus> A anacronia se quiser se impor como modalidade artística atual vai ter que incorporar a hibridação e esse entendimento radicalmente convencional do que seja arte

[20:13] <DrFaustus> a arte eh o q hj nós chamamos de arte

[20:13] <DrFaustus> ponto

[20:13] <DrFaustus> daí pra frente eh td laboratorio

[20:14] <Amaweks> sim...

[20:14] <Amaweks> é, não sei se meus jogos são literatura... pq inclusive uma das minhas buscas neles é crair uma narrativa que, eu não diria complexa, mas que tenha mais elementos do que normalmente jogos do tipo tem, mas utilziando o mínimo possível de texto

[20:14] * S0cr4teS [~mydaemon@200.101.221.198] está no IRC**

[20:14] * S0cr4teS [~mydaemon@200.101.221.198] saiu do IRC**

[20:14] <Amaweks> Acho que aidna é jogo de videogame, mas eu tento dialogar com outras linguagens pra atingir esse objetivo.

[20:14] <Amaweks> Acho que meu jogo pode ser considerado arte anacrônica primeiro pq eu tenho pretenpção de ele ser arte,

[20:14] <Amaweks> segundo pq ele tem esse apelo retro (frequentemente associado a nostalgia)

[20:14] <Amaweks> seria redutor do que pretendo, que é fazer o novo explorando o video game antigo sem pelo menos repetir certos clichês narrativos deles

[20:14] * []`MoNtEsQuIeU`[] [~dialogues@200.101.221.198] está no IRC**

[20:15] <DrFaustus> Sim, entendo o que tu diz...

[20:15] <DrFaustus> mas quando defino os teus jogos tbm como literatura eh justamente por causa do caráter narrativo e ficcional dos games, isso independente do uso da palavra escrita

[20:15] <DrFaustus> entre outras coisas O que eu to reivindicando eh uma literatura pra além da própria palavra

[20:15] <DrFaustus> To compreendendo tudo o q for narrativo e ou ficcional como potencialmente literario

[21:54] ## Arquivo #Marilyn Monroe e Tony Curtis num show do Kiss (N.Y., 1982).jpg # enviado para# Philip_K_Dick #com sucesso a 1.95kb/s**

[20:16] <DrFaustus> A poesia eh o mesmo

[20:16] <DrFaustus> Tudo vai depwnder de duas coisas ao meu ver...

[20:16] <Amaweks> humm

[20:16] <DrFaustus> O modo como a linguagem eh articulada pelo artista e o nome q o artista dah aquilo que faz

[20:17] <DrFaustus> Nesse sentido independentemente da linguagem wscolhida, desde que haja uma superação do meramente utilitário, comunicacional ou informativo, desde que haja o algo mais do "estranhamento", então qualquer expressão linguística pode virar literatura

[20:17] <DrFaustus> Por exemplo, um jogo não jogavel pra mim eh poesia contemporânea mais do que um game

[20:17] <DrFaustus> Mas essa impressão aumenta se o autor do game dá força ao potencial artístico do jogo chamando aquilo de poesia, literatura, arte, sei lah o q...

[20:17] <DrFaustus> Pq dae isso muda a relação do receptor com o objeto

[20:17] <Amaweks> humm... sim

[20:18] <DrFaustus> Se vc disser que um game eh game mas tbm eh uma historia sobre a busca de identidade, por exemplo, ai vc não terah só jogadores, mas leitores tbm

[20:19] <DrFaustus> Eh assim que eutenho lido os teus jogos

[20:19] <DrFaustus> E isso vale pra quase tudo em termos de linguagem

[20:19] <DrFaustus> Inclusive acho que vou seguir a tua sugestão e transformar essa nossa conversa aqui em literatura

[20:21] <Amaweks> hehehe

[20:21] <DrFaustus> to falando sério

[20:21] <Amaweks> ta certo

[20:21] <DrFaustus> bom, vou lá

[20:21] <Amaweks> blz, tbm to saindo

[20:22] <DrFaustus> Até daqui a alguns anos, Amaweks.

[20:22] <Amaweks> hehe nos vemos lá, então

[20:22] <DrFaustus> certamente

[20:23] *** Saiu: Amaweks (Quit: FoxScript 2001 Run to the hills / Run for your life!)

Session Close: Wed Dec 22 19:41:42 2021

| Márcio Fernandes| "Z" | Gravura digital | 2022 |

OSMARINA E PAULO VILLALVA

Paulo Andrés Villalva (Amaweks)

Dona Osmarina e Sr. Paulo Villalva, o casal de artistas ainda atuantes na arte popular nativa da Ilha de Desterro. Trabalham com a tradição, ou retradição, melhor dizendo, uma tradução, da mesma matéria prima da qual tratou Cascaes e Peninha. Sim, meus pais,

e por que eu não poderia falar criticamente e com propriedade de seu trabalho? Além de capacitado por formação, conheço de perto as nuances e intenções para além das

representações que estes artistas produzem, e participo da produção de alguns trabalhos aqui e acolá.

- Pão-por-Deus, tradição de recados amorosos em pequenos versos -

Deixando claro: o que eu quero frisar aqui é o valor de criação, de reinterpretação a partir da tradição. Assim como foi na obra de Cascaes, e como ainda é na de Peninha, a representação da tradição é modificada pelo espírito criativo dos artistas, que fazem suas adições e diálogos com seus referenciais. Bem, assim sempre é com todo artista.

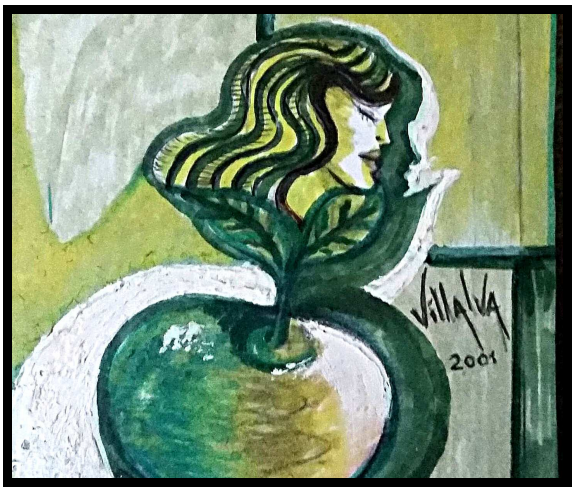
- Representação de narrativa popular com Nossa Senhora e Homenagem a Cascaes ao fundo -

Dona Osmarina, uma vida como costureira, aos 40 aprendeu o figurativo da Ilha em cerâmica, nos moldes tradicionais da escola de oleiros de São José, mas dando vazão a uma inclinação artística que sempre teve, mas até então suprimia por conta das exigências da vida, logo começou a inventar suas próprias técnicas e modelos destas representações. Recorrendo a

sua memória da infância, a relatos de conterrâneos, e pesquisa, aprendeu que a matéria "fala" para o artista o caminho a seguir, que há um diálogo de duas vias entre os materiais e a forma, e que isto também modifica o conteúdo.

- D. Osmarina modelando peça de sua criação -

Sr. Paulo, militar na juventude, estofador para criar os filhos, até se aposentar como técnico administrativo da UFSC, sempre buscou tempo, mesmo que nas madrugadas, ou no intervalo do trabalho, para desenhar e pintar. Tem um acervo de desenhos e pinturas simbolistas e surreais que eu já prometi pra mim mesmo que preciso catalogar e digitalizar o mais breve o possível. Quando minha mãe começou a se dedicar a cerâmica ele passou a colorir as peças, complementando o trabalho e a parceria numa produção a quatro mãos.



- Pintura em Giz Pastel de Sr. Paulo -

Só pelo fato de ser um trabalho em dupla, 4 mãos, duas cabeças e dois corações, a renovação da tradição já seria inevitável. Mas chega de rodeios e apresentações, faça também sua leitura a partir das imagens, pois o que eu quero falar é tanto deles, quanto de um Cascaes, e de um

Peninha, que podem não ser os mesmos que você conhece. Por que se Peninha sobre nos ombros de Cascaes, e meus pais nos ombros de Peninha, eu quero também me apoiar nestes gigantes, entender e criticar sua obra para encontrar horizontes mais distantes, quem sabe como fez a galera do Mangue Beat misturando Jimi Hendrix, Mestre Salustiano, Ariano Suassuna, e tantas outras referências locais e cosmopolitas; locais que são cosmopolitas.

Começando pelas técnicas empregadas pelos artistas na manipulação da argila, a utilização de placas finas para compor e dar movimento e expressão as figuras extrapola as técnicas convencionas, que não são as mesmas da cerâmica tradicional que representa os costumes antigos do povo da ilha. Cascaes, por exemplo, fazia peças maciças, e as mantinha cruas, possivelmente sem ter forno que chegue a 700'C para a queima e transformação do barro em cerâmica. O figurativo do boi-de-mamão e outros costumes da Olaria de São José, e outros artistas que com os professores de lá aprenderam, utiliza a "técnica de rolinho", que faz peças maciças que depois são "ocadas" em baixo. A argila, para a queima tem de estar completamente seca, se não explode no processo, por isso é difícil queimar peças maciças. No colorido imperam cores primárias, secundárias, estampas floridas ou que lembram os tecidos de mercado público, como o chitão.

Forma e conteúdo sempre dialogam e a isso também se chama estética. D. Osmarina, que diz que é preciso "sentir e ouvir o barro" faz finas placas de argila, as recorta em diferentes formas, como faz uma costureira, e as molda e une, costura, como véus, tecido, dando movimento e leveza à peça. Sr. Paulo faz as pinturas coloridas, mas com detalhes e estampas que fogem do tradicional. Com o tempo meu pai desenvolveu também uma pintura utilizando tons de marrons, terrosos, cores próximas aos tons de diferentes argilas e barros. As peças pintadas dessa forma lembram as tradicionais

sem pintura, mas com a luz e a sombra, contornos, realçados pela pintura estilo terracota.

- Peça com todos os personagens do Boi-de-mamão -

Agora tomemos esta peça do Boi-de-mamão na imagem acima, um folguedo com música, dança que encena um auto de morte e ressureição do um boi. A criação dos artistas está já distante de uma representação tradicional, ela amalgama três figuras do folclore em uma peça de três cabeças. É uma liberdade de interpretação que tende ao surrealismo, ao fantástico.

E falando em fantástico, há também as homenagens e releituras à obra de Franklin Cascaes: a "vabrupa", bruxa metamorfoseada em vassoura, é relida de forma mais antropomórfica, mais bruxa que vassoura, ou também representada como a curandeira por D. Osmarina e Sr. Paulo. Cascaes é homenageado com um boneco em tamanho real, feito de madeira, espuma, tecido, e membros de cerâmica, e também na placa em relevo que participou de exposição na galeria do Mercado Público de Florianópolis.

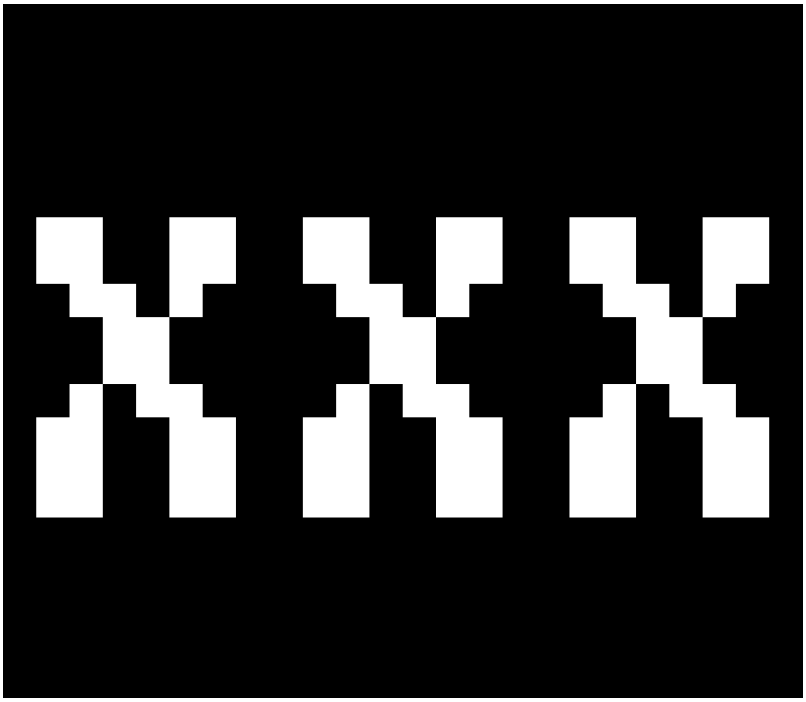
- Bruxas e Vabrupa -

- Boneco de Franklin Cascaes em tamanho natural -

Fosse esta uma cidade que realmente valorizasse seus artistas, sua cultura, tradicional e contemporânea, meus pais teriam lugar institucional mais avantajado. Seu trabalho, que já recebeu vários prêmios, é lembrado quando útil a outrem. Um acervo enorme de peças está encaixotado, por que nunca encontrou quem financiasse exposição permanente. Assim seguimos, Cascaes (que pelo menos tem a obra preservada na UFSC, mas inacessível aos olhares do povo) Peninha (que destino terá seu acervo de obras?), meus pais, e outros que conhecemos, com obras completas que podem se perder, ou ficar reservadas apenas ao espaço privado e, consequentemente, esquecidas ou inertes, mortas, sem a possibilidade de serem apropriadas e relidas por artistas de gerações seguintes. Um tesouro que não damos o devido valor, por que não há grandes interesses econômicos, pois a arte local é como a agricultura familiar: alimenta seu povo, mas não gira o grande capital. ▌

- Maricota e músicos do Boi-de-mamão -

Veja mais e contate os artistas em: www.facebook.com/osmarinaepaulo.villalva



É sempre um prazer bizarro

Observar e acompanhar de perto

A vida distraída

de uma vizinha velha

Que de tão velha

me faz novo

jovem mesmo, moço

um touro

mas é estranho pensar,

– da janela,

que se ela se vai

eu morro.

Fabiano Garcia

| Amaweks | "Boi Fantasma" | s. d. |

| Luiz Souza | “1968” | Grafite e nanquim | 2021 |

GERÊNCIA

Fabiano Garcia

Há coisas terrivelmente humanas, inesquecíveis. Um velório, por exemplo. Sempre absurdo, humano, em todos seus matizes. Trágico, porém humano.

Penso nisso agora porque meu primo ligou e disse que está de folga, indo para um. Pergunto de quem. Ele responde que o gerente da firma morreu. Eu pergunto onde. Ele diz que vai ser na capela da Trajano. Pergunto se posso ir. Ele afirma que sim. Replico que chego em alguns instantes mas na verdade já estou a caminho.

Percebo que a cidade não parou. Na verdade, tudo continua como está. O céu está bonito e as coisas seguem como sempre. Chego à capela. Adentro o recinto. A sala é pequena. Tudo muito fúnebre. Porém humano. Simples, mas de coração. Mal me aproximo e dois desconhecidos me abraçam. Sinto muito, eu digo. E eles choram ainda mais. Há pelo menos cinco pessoas no evento e a copeira está presa ao celular. Evito olhar o caixão. Tudo muito direito, organizado. As velas, as flores, a bíblia, as cadeiras. Nada mal. Por um instante ignoro meu primo. A copeira me oferece um cafezinho e com isso me sinto patético, mas aceito por educação. O café está sem açúcar, então peço educadamente o local da mesa. Caminho até aos fundos. Lá está ela, a mesa.

Adoçante para os mais velhos e açúcar para os bons de coração. Tem bolo e bolacha de mel. Logo percebo que a família tem carinho. Sigo adiante. Finalmente cumprimento meu primo. Ele está tranquilo e com os braços cruzados. Pergunto o óbvio. Ele não sabe. Então olho para o lado e uma senhora me observa querendo responder, porém evito o assunto. Aceno com a cabeça. O fato é que morreu. Ela responde com um olhar triste e tudo dá a crer que ela sente muito.

Incomodado com a situação estranha, tomo coragem e vou finalmente simular a reza diante do homem. Lá está ele, o gerente. Uma firma inteira e apenas meu primo tomou para si a missão de estar presente. Confesso que eu o admiro por isso. O funcionário. Nada de folga. O semblante do morto está cinza, meio amarelado. A maquiagem e o algodão lhe dão um aspecto curioso. A mão cruzada pálida, meio sem cor. A imagem de um homem que descansou. Observo com calma e vejo que pequenas moscam rondam-no o

rosto e as mãos. Sinto uma ponta de aflição. Sem pensar peço licença e com naturalidade balanço a pequena tela que lhe cobre o corpo. Como se ele pudesse responder... como ele pudesse se incomodar. As moscam surgem em maior número. Parecem centenas, rebeldes.

Olho para o lado e ninguém me reprova, ao contrário, aparentam concordar com a minha petulância. Balanço um pouco mais e levanto o tecido branco novamente. Penso em assoprar, mas logo acho má ideia. Então remexo mais e mais. O dedo indicador do gerente, muito sem cor, se prende ao tecido. Assim ele levanta junto com o pano acompanhando os puxões que não evito e que observo talvez muito tarde.

Ele estava se mexendo. Claro. O que num velório é constrangedor. Tenho vontade de rir. Um maestro regendo uma orquestra de fantasmas. Para meu alívio uma grande quantidade de moscas foi embora e ninguém se zangou. Arrumo a tela novamente. Tudo no seu devido lugar. Uma das mãos ficou um pouco torta, mas evito arrumá-la. Cabe à viúva pegar na mão do seu homem.

A boca do morto parece entreaberta. Talvez queira reclamar do inconveniente. Da audácia de um desconhecido. Ou das moscas. Mas e se não fosse eu, meu pobre camarada? Ninguém iria espantá-las, concluo em silêncio. As flores estão mirrando. Noto os carros lá fora. Convido meu primo para sair um pouco. Ficamos perto da porta, para o lado externo. Ele acende um cigarro. Quer rir do incidente, mas apenas me olha. Duas outras pessoas chegam. Eram velhos, provavelmente conhecidos do gerente. Um está bastante arcado, meio acabado, carregando uma bengala com a ponta de prata. Veste-se formalmente e inspira autoridade. O outro parece ser seu subordinado, embora velho também. A dupla

aproxima-se do morto e eu continuo defronte à porta. Penso no que os outros dois velhos estão raciocinando. Fico esperando para ver se choram. Ninguém chora. Humano, demasiado humano. O velho mais velho ignora o ambiente. Não cumprimenta ninguém. Está com a cara fechada, a mesma de quando chegou. Uma expressão eterna de dinossauro. Olhara bem para o seu antigo e provável conhecido, até que então faz o sinal da cruz e sai pelo mesmo lugar que entrou. Nenhuma palavra. Uma formalidade quase invisível, portanto adequada à solenidade. Em seguida os dois entram num carro preto e vão embora.

Pergunto a meu primo se sabia quem era. Ele responde que não. Fico pensando se não eram outros desconhecidos, como eu. Ou o prefeito, o dono da empresa, um notável qualquer. Ou talvez o diabo. Sinto-me culpado pelo café. O bolo arde no meu estômago. Está tarde. O cheiro do ambiente começa a me chatear. Conto que talvez esteja chegando a hora de partir e então arrumo uma boa desculpa. Meu primo diz que tudo bem, que irá ficar mais um pouco. Com certeza o café me fez mal. Volto para a rua. A cidade realmente não parou. O mundo costura a sua frieza com o bisturi da ironia. Para muitos, o dia até está ótimo e mesmo um mendigo parece sorrir. As crianças estão na praça. E quanto a mim, apenas torço para não ser atropelado na esquina, sóbrio, sem mitos. ▮

| Luiz Souza | “Brasil, 77 d. P.” | Grafite | 2021 |

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

CAMINHOS SEM FRONTEIRAS

Luiz Souza

Pelo menos desde que Antonio Candido escreveu o ensaio “Os significados de Raízes do Brasil”, em 1967, uma afirmação se tornou lugar-comum no meio intelectual brasileiro: Sérgio Buarque de Holanda é um dos principais “intérpretes do nosso passado” (CANDIDO, 1994, p. xlix). Ao lado de Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre, Sérgio comporia uma espécie de tríade fundadora do moderno pensamento social brasileiro e, em especial, da nossa historiografia.

Ironicamente, para um autor que há tanto tempo é considerado um clássico, Sérgio Buarque, ao longo do século XX, foi relativamente pouco lido pelos historiadores de ofício. Concentrando seu trabalho nas pesquisas relativas ao Brasil Colônia, durante os anos 1950 e 1980, não chegou a ser um interlocutor influente no interior desta especialidade. A razão para isto deve-se, entre outras coisas, à dimensão da realidade humana que o intelectual paulista privilegiou na maior parte da sua obra: a cultura, tanto em suas manifestações materiais (práticas, costumes, técnicas), quanto simbólicas (ideias, representações, imaginário).

Em meio ao debate historiográfico de seu tempo (centrado especialmente nos grandes processos de natureza

econômica e social), livros como *Monções* (1945) e *Caminhos e fronteiras* (1957), de fato, soavam destoantes. E, quem sabe, destoantes até mesmo segundo a óptica do seu próprio autor, já que, ao longo *Caminhos e fronteiras*, Sérgio Buarque não se refere a esse seu texto como sendo um trabalho historiográfico.

Reeditado pouquíssimas vezes desde seu lançamento, em 1957, *Caminhos e fronteiras* apenas seria redescoberto, no Brasil, a partir dos anos 1980, com o advento da chamada Nova História. A mais ou menos recente reabilitação da cultura entre os historiadores tornou esse livro um dos principais trabalhos de Sérgio Buarque. Uma obra considerada, por vezes, uma espécie de antevisão daquilo ao que hoje denominamos Nova História Cultural ou História Antropológica (BURKE, 2005, p. 44 e ss).

Relendo um clássico

Em *Caminhos e fronteiras,* Sérgio Buarque trata do processo de ocupação e expansão portuguesa nas áreas do planalto paulista durante os primeiros séculos de colonização. Seu livro, no entanto, não é uma simples história das bandeiras. Seu principal tema transcende em muito o mito do herói bandeirante à Oliveira Vianna, Cassiano Ricardo ou Vianna Moog. O que Sérgio pretende compreender nessa obra é a dinâmica de formação de uma cultura particular, "brasileira", a partir da tentativa de uma cultura "adventícia" de impor-se num ambiente natural completamente alheio e hostil, o modo como o europeu português e seus descendentes tentaram implantar e reproduzir suas formas materiais e simbólicas de vida num meio absolutamente estranho a elas. Sua questão central, portanto, é a seguinte: como ser "civilizado" (o que para os portugueses dos séculos XVI e XVII significava, basicamente, ser cristão e sedentário) num lugar onde quase

tudo condicionava em direção à "barbárie" (a adoção de práticas culturais indígenas e o constante deslocamento geográfico)?

A resposta que o autor dá para esta questão, em *Caminhos e Fronteiras*, é a de que, ao menos para os primeiros tempos de ocupação do interior do território português nas Américas, o colono, para realizar o tipo de cultura que tinha em mente – uma civilização tributária do legado de seus ancestrais da metrópole –, teve que se afastar parcialmente dessa herança. O português e o mestiço, no processo expansão rumo ao sertão, ao interior do continente, na sua vivência pelos "caminhos", vivenciaram constantemente a experiência de "fronteira", de limites, não só entre espaços, mas entre modos de vida. No caso, as culturas indígenas e a lusa.

O foco para a melhor visualização desse processo, Sérgio Buarque encontrou no estudo dos "aspectos da vida material". Para ele, foram nos domínios dos hábitos, costumes, técnicas e tecnologias que os europeus e seus descendentes mais se demonstraram dispostos a afastarem-se das tradições europeias em seu esforço de adaptação ao meio. A adoção por parte dos colonos de técnicas agrícolas ou de caça e pesca tais como as praticadas pelas populações indígenas, bem como outras manifestações desse tipo, seriam as maiores evidências em favor do argumento da "diluição e recuperação" cultural (HOLANDA, 2017).

Assim, *Caminhos e Fronteiras* divide-se em três partes. A primeira, intitulada "Índios e mamalucos", reúne nove artigos. Nesses textos, Buarque concentra-se nas apropriações, por parte dos colonos e seus descendentes, dos hábitos, conhecimentos e utensílios que as populações indígenas desenvolveram ao longo de milênios de contato com o ambiente americano. Aqui, acompanhamos momentos de um longo aprendizado. O autor mostra-nos como os indígenas ensinaram aos

bandeirantes e caboclos a andarem e localizarem-se pelo interior das matas; a curarem-se, recorrendo a certas ervas locais; a localizarem água; a conseguirem alimentos; bem como a adaptarem a sua culinária aos recursos locais. Em suma, a influência da cultura material indígena ("mais adaptada") sobre a europeia ("estranha ao meio") fica evidente nessa seção que é, significativamente, a mais longa do livro.

Já na segunda parte, "Técnicas rurais", as trocas entre as culturas indígena e europeia ganham maior destaque. Compreendemos como os "naturais" também assimilaram seletivamente certos elementos da cultura europeia enquanto ensinavam tantos outros. Como, por exemplo, a adoção de instrumentos de ferro, trazidos pelos europeus e a agricultura itinerante de derrubada e queimada ("coivara"). Uma técnica que foi, em essência, incorporada pelos colonos e que, até hoje, verifica-se no meio rural brasileiro.

Por último, em "O fio e a teia", Sérgio Buarque fala-nos da adaptação "à terra" de uma indústria têxtil portuguesa que também incorporou a si elementos locais. Aqui o autor trata já de um outro momento da colonização. Uma fase de maior sedentarização e de equilíbrio entre "diluição" da tradição européia na cultura indígena e os afluxos externos oriundos da metrópole.

Em seu prefácio à terceira edição brasileira de *Caminhos e fronteiras*, o historiador Fernando Novais diz ser "gratificante ver Sérgio Buarque praticando um estudo de civilização material em estilo braudeliano *avant la lettre*". A princípio esta afirmação justificaria-se pelo fato do livro em questão ser, na realidade, uma coletânea de artigos escritos e publicados, originalmente, entre 1945 e 1949. Ou seja, os estudos reunidos em *Caminhos e fronteiras* seriam contemporâneos aos do próprio historiador francês Fernand Braudel, que só publicaria sua

tese, *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*, em 1949. O brasileiro, portanto, teria se adiantado à inovação historiográfica representada pela obra do discípulo de Marc Bloch e Lucien Febvre.

Não obstante, a ideia de que Sérgio Buarque teria antecipado certa modalidade historiográfica, ainda em desenvolvimento na França durante a segunda metade dos anos 1940, pode sugerir um grau de influência oriunda da tradição dos *Annales* que, como alguns autores já apontaram, precisa ser relativizada (MELLO E SOUZA, 1995).

Se *Caminhos e fronteiras* realmente acentua os "aspectos da vida material", produzindo, em alguns momentos, uma história das técnicas e do cotidiano que de fato lembra a "civilisation matérielle" de Braudel, a isto Sérgio Buarque chegou por outras influências mais diretas. Notadamente as oriundas da antropologia alemã com a qual estabeleceu íntimo contato, sobretudo, entre os anos de 1946 e 1956. Época em que o autor trabalhou como diretor do Museu Paulista e teve, como colegas, etnólogos como Herbert Baldus (1899-1970). Este último, o pesquisador responsável por colocar aquela instituição em permanente contato com outros centros de estudos antropológicos situados em diferentes partes do mundo, particularmente os da Alemanha (FRANÇOZO, 2005, p. 585-612).

Contudo, também não parece adequado imaginar que *Caminhos e fronteiras* seja apenas fruto de certa experiência institucional e acadêmica particulares. As opiniões e opções teórico metodológicas expressas em *Caminhos e fronteiras* não se devem apenas aos livros e artigos que Fritz Krause enviava ao Museu Paulista ou aos volumes de Theodor Koch-Grünberg ou Erland Nordenskiöld que, muito provavelmente, compunham a biblioteca daquela instituição.

Considerações finais

O livro que Sérgio Buarque publicou em 1957, isto é, vinte e um anos depois de *Raízes do Brasil*, é parte indissociável do projeto intelectual esboçado já naquele ensaio. Ou seja, Sérgio, desde os anos 1930, já buscava compreender como se configurou, sobretudo em seus aspectos culturais, a sociedade brasileira da primeira metade do século XX.

No caso de *Caminhos e fronteiras*, contudo, o ensaísta de *Raízes* deu lugar ao que, hoje, identificamos como "historiador". Assim, as generalizações saem de cena e a reflexão acerca de aspectos concretos relativos a esse processo tomam a dianteira. Como o próprio Novais observa, a construção do objeto de pesquisa analisado em *Caminhos e fronteiras* está particularmente ligada a sua principal problemática. O recorte espacial que limita sua reflexão ao planalto paulista se justifica porque seria lá o pólo de irradiação dessa sociedade "adventícia". O centro "modernizador" do país. Fenômeno que já teria seu início durante os primeiros decênios do século XVI.

Por fim, acreditamos na máxima do crítico inglês Frederic Jameson: "Historicizar sempre" (JAMESON, 1992, p. 9). Sobretudo quando tratamos de historiadores e obras historiográficas. É fundamental termos permanentemente em vista que mesmo os "clássicos" pertencem ao seu próprio tempo. *Caminhos e fronteiras* é indissociável do conjunto da obra de um pensador dedicado a compreender os problemas que a sociedade brasileira lhe colocava entre os anos 1930 e 1950. No caso, de Sérgio Buarque de Holanda, seu principal esforço era o de vislumbrar, através do passado, as possibilidades de inserção do Brasil num processo modernização política, econômica e social posto em marcha naquele período. Uma preocupação, aliás, comum a quase toda a sua geração intelectual.

Concordamos com Ronaldo Vainfas quando este critica a idéia de que Sérgio teria sido um precursor de tal ou qual modalidade historiográfica (VAINFAS, 2009, p. 224-225). Se ao longo de sua obra, o autor se ocupou com temas e problemas, em alguma medida semelhantes à de outros pensadores sociais em outras épocas ou outros contextos, isto não deve ser supervalorizado. E, acreditamos, este não deve ser o principal argumento para relê-lo.

A obra sergiana vale por si mesma, independente de possíveis antevisões ou *insights* teórico-metodológicos. Seus livros devem ser estudados, sobretudo, tendo-se em conta a concepção do seu próprio autor ao escrevê-los. Isto é, como exercícios de compreensão das razões profundas que nos levam, a nós, brasileiros, a sermos como somos. De fato, poucas razões justificam mais o reencontro com um livro como *Caminhos e fronteiras.*

Referências

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

FRANÇOZO, Mariana. O Museu Paulista e a história da antropologia no Brasil entre 1946 e 1956. *Revista de Antropologia*. São Paulo, vol.48, n. 2, p. 585-612, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 374 p. [1957].

JAMESON, Fredric. *O inconsciente político*: a narrativa como ato socialmente simbólico. São Paulo: Ática, 1992.

MELLO E SOUZA, Laura de. Sérgio Buarque de Holanda: entre a história e a sociologia. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 3 abr. 1995.

VAINFAS, Ronaldo. História Cultural e historiografia brasileira. *História: Questões & Debates,* Curitiba, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009.

| Luiz Souza | “Bitatá: cabra: tatá: fogo” | Gravura digital | 2021 |

A Semana de Arte Moderna de 1922

André Luiz

O mito

Eis o mito. Após algumas épicas batalhas pela imprensa e em espaços culturais como museus, salões granfinos e galerias, entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922, alguns jovens talentosos e muito arrojados expuseram obras de arte, da literatura à pintura, música e artes plásticas, num evento que marcou a história brasileira. Contaram com o apoio da elite cafeeira e financeira, além nomes consagrados no acanhado mundo cultural, como Graça Aranha, dando vazão a toda a sua radicalidade artística. Não havia outro lugar do país onde tal evento pudesse acontecer, uma vez que São Paulo era o único lugar do país que reunia as "condições modernas" para a "eclosão" do movimento. Nos demais estados reinava o provincianismo e o atraso. As qualidades de suas obras são a prova do seu valor inestimável e sua contribuição atemporal para a cultura brasileira, devendo ser celebradas sempre que possível. Outros lugares do país deram origem a algumas manifestações de arte moderna aqui e ali, é verdade, mas nada que se compare a toda uma transformação geracional, capaz de inspirar gerações e gerações de artísticas sem nunca se esgotar. Viva a Semana de Arte Moderna!

Como qualquer mito, esse tem várias porções de verdade. De fato, os jovens eram sumamente talentosos; obras de autores que estiveram presentes no evento marcaram a história da cultura brasileira. Obras de artistas como

Oswald e Mario de Andrade, Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, para mencionar apenas os mais celebrados, têm potencial serem apropriadas de incontáveis formas. Não se trata de desconsiderar a importância daquela formação para a história da arte e da sociedade brasileira. Trata-se de constatar que a *proporção* que o evento serviu ao longo do tempo para compor uma tradição artística e cultural, além de certa mistificação em torno da história de São Paulo e a criação de nacionalismo risonho e cheio de boas intenções... Bra zil zil zil zil...

E, como em qualquer mito, há toneladas de penumbra que desvia a atenção, mistifica e justifica o injustificável, sem nunca apresentar explicitamente sua mensagem. Não se diz que esse endeusamento contribuiu para criar a representação do sudeste como o país inteiro; não se diz às claras que a divinização da Semana contribuiu para o esquecimento total de diversos artistas e suas obras, talvez muito mais importantes para os nossos problemas do que as que a tradição modernista de São Paulo nos legou; não se diz que tal imagem leve e celebrativa anda de mãos dadas com o poderio pesado dos endinheirados de São Paulo e seus descendentes no centro-oeste. Não importa muito que diversos estudos tenham mostrado há tempos que: i) São Paulo não foi o único lugar do país a reunir um grupo de artistas modernistas conscientes de sua missão renovadora, assim como não há pioneirismo algum; ii) podemos observar práticas artísticas modernistas conscientes, individuais e coletivas, desde o último quarto do século XIX, com os próprios artistas se definindo como modernos, em contraposição aos tradicionalistas e conservadores; iii) outras cidades do país se encontravam em processo de industrialização e expansão da alfabetização, como Rio de Janeiro e Porto Alegre; iv) os modernistas estiveram em contato com outros

grupos de artistas modernistas, mas dificilmente se pode dizer que aqueles grupos dependiam da formação paulista ou sequer que organizaram seus trabalhos em função dela; v) e por último e de modo nenhum menos importante: a presença de fascistas na Semana de Arte e na formação modernista paulista são quase nada lembradas. O que importa é que no livro didático mais próprio haverá a celebração; na Rede Globo haverá celebração; nos museus haverá celebração; nas editoras haverá celebração; nas livrarias também; mesmo um artista importante para a cultura popular brasileira como Emicida se sentirá na obrigação de render sua homenagem aos deuses (de olho também no seu inquestionável prestígio).

Ir além do mito?

Algumas críticas mais elaboradas à entronização da Semana como "marco zero" da cultura brasileira vão se tornando repetitivas e desinteressantes, na medida em que não se conectam a uma proposta nova. Toda pessoa interessada no assunto sabe que o evento foi uma festa excêntrica financiada por magnatas e, de modo nada indireto, serviu ao seu poder; sabe também havia uma cultura popular exuberante, protagonizado por pretos e pretas, muito além do Teatro Municipal de São Paulo e muito mais próxima do que a dos caboclos do interior, dos indígenas da raízes do Brasil; que importantes artistas, como Lima Barreto, não viam mais do que um ajuntamento de playboyzinhos em busca de confete.

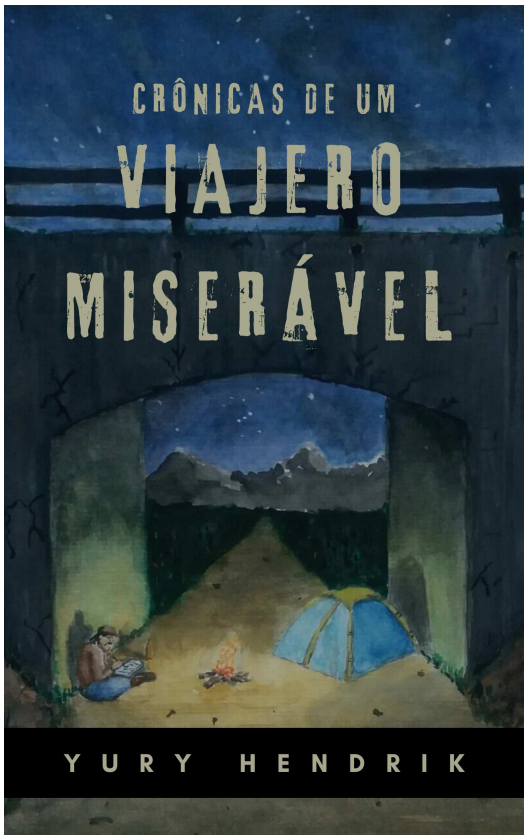
O projeto geral da Semana de 22 era o da busca pela normalização ao direito da pesquisa estética aliada a um desejo de simultâneo conhecimento e elaboração de uma *cultura nacional*. Práticas que hoje damos como certas e ninguém, além de bobos alegres metidos a novos tradicionalistas, estaria disposto a abrir mão. O problema é que fica parecendo que foram os modernistas que estraram essas missões entre

nós, os habitantes do Brasil. O que fizeram os Românticos? A chamada Geração de 70? Aqueles colocados no limbo da pior categoria historiográficas já concebida, o "pré-modernismo"? Ainda há espaço para a ideia de "acertar o relógio" e criar uma arte "de exportação"?

Não se trata de ir além de 22. Não há por que artistas irem "ao povo" e suas formas artísticas; sendo mais preciso: é hora dos próprios trabalhadores se meterem a artistas (como nesta revista que você lê). O mundo mudou e precisamos sinalizar, com um misto de desespero e lucidez, como bombeiros no meio de prédio em chamas. A geleira do mundo está derretendo. Neste exato momento, algum latifundiário está matando um indígena neste país, mas também nos vizinhos e em outros continentes. Algum garimpeiro está arrebentando um rio com mercúrio sob proteção de jagunços pobres e autoridades federais de classe média, assim como savanas e pradarias milenares estão sendo pisoteadas por rebanhos e multidões de desvalidos. Os dentes da engrenagem do modo de produção capitalista estão gastos a ponto de começarem a se desencontrar, como os gráficos desde 2008 não cansam de mostrar. As democracias liberais nos oferecem centristas contra facistas na melhor das hipóteses, como médicos sugerindo band-aid para hemorragias. Cataclismas migratórios globais estão agendados. Enfim, temos uma barbárie muito maior a enfrentar. Construir uma imagem de nação, ir em direção ao povo e coisas assim infelizmente dizem pouco ao que precisamos fazer e às novas formas de ver e sentir que precisamos articular.

A arte tem que falar com as pessoas sobre essa barbárie que se avizinha ou não passará de confete. Se sobrar algo na obra de alguns modernistas que ajude a tornar a esperança lúcida maior do que o desespero, ótimo; mas não mais como deuses. ▮

| Amaweks | “Boi Tatá Dourado e Vernadete nas colinas verdejantes” | acrílico sobre madeira | 2012 |



Aurora Miotto

— um relato "de sonho e de sangue / e de América do Sul"

Se Jack Kerouac fosse pobre e sul-americano, vivesse uma ou duas aventuras surreais (que poderiam facilmente ser o relato de um viajante da na Taverna de Azevedo), ainda não faria jus a graça e pancada de Crônicas de um Viajeiro Miserável, de Yury Hendrik.

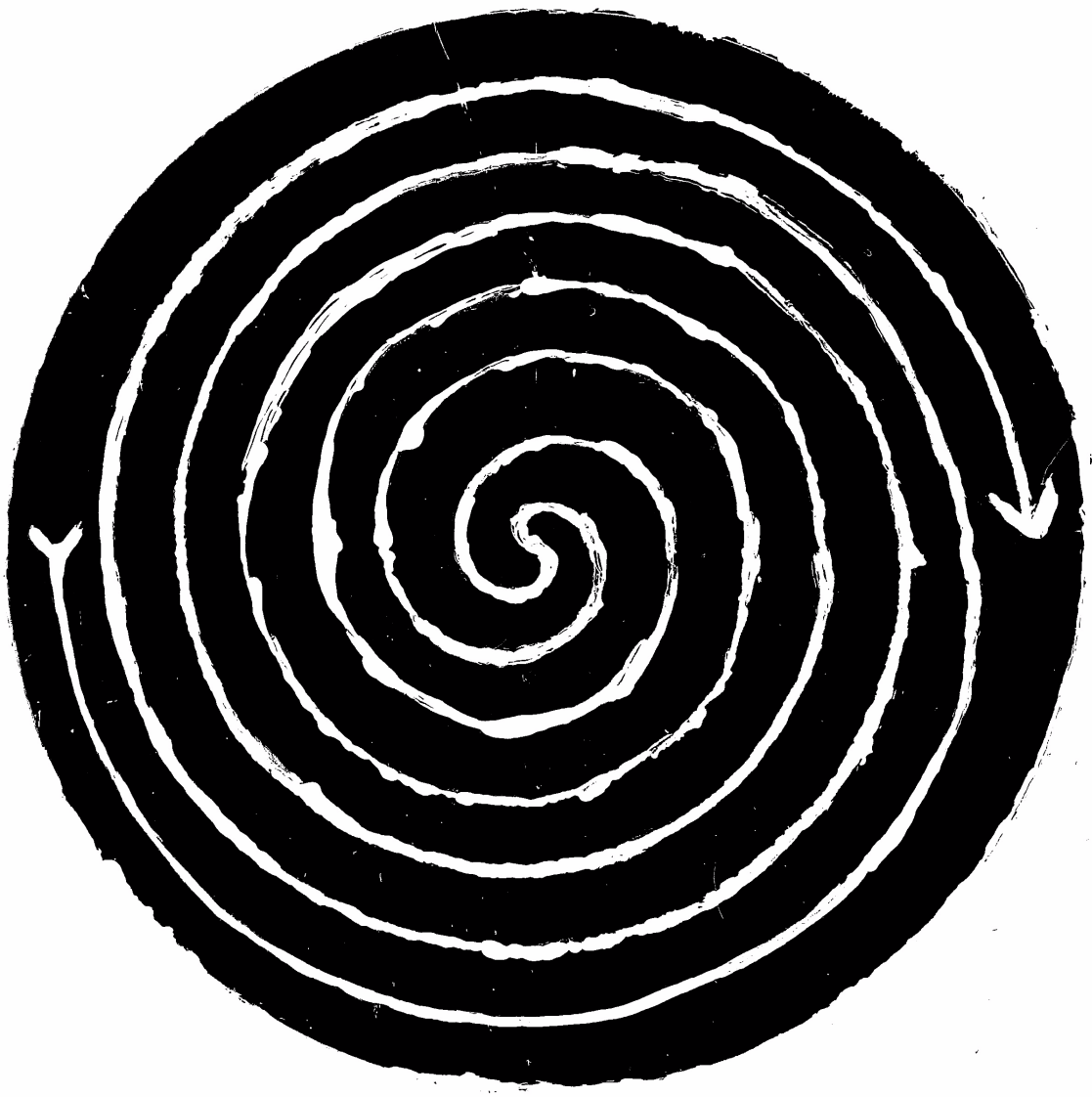
Nessa obra, que faz jus ao nome, acompanhamos os relatos de

um viajeiro miserável no meio da poeira das rodovias que compõem a periferia do mundo. O diário de viagem conta a trajetória do autor, que com um bolso vazio, um pano de artesanato e uma flauta transversal de orquestra, caminha pedindo carona do sul do continente até a linha do Equador. Passando por 7 países latinos, essas crônicas apresentam as paisagens, as cores, a cultura e o povo da América do Sul.

A estrada apresentada pelo mochileiro é hostil, fantástica e, acima de tudo, realista - com personagens e paisagens prontos para te lembrar que a vida está aí para quem tiver a coragem de vivê-la.

Crônicas de Um Viajero Miserável mostra uma visão diferente do peregrino em busca da necessidade vital de se aventurar e conhecer o mundo - a experiência narrada não é apenas sobre a depravação boêmia com que frequentemente se glamouriza a estrada ou o pitoresco aventureiro no contraste de culturas; tão pouco a filosofia do artista indigente sem rumo, mas uma mistura de todos e nenhum, numa série de desventuras frente a um pano de fundo pobre na moeda e rico nas paisagens, guiada pela a cartilha da rua e surrada pela história. ▮

| Amaweks | "Pequeno Polegar" | Guache | 2010 |



| Luiz Souza | "TEMPO ANACRÔNICO" | Gravura digital | 2022 |

Os tempos indígenas

Andressa Marzani

Passado e presente se confundem em algumas percepções indígenas de tempo. Percepções assim, no plural, pois muitos são os povos, línguas e culturas. O que se apresenta como um ponto em comum entre os diversos povos originários, pelo menos aqui no Brasil, é o papel da ancestralidade, o poder da oralidade. A escuta dos mais velhos, os que carregam a sabedoria, conhecem as histórias ancestrais, os remédios da mata. São eles quem geralmente repassam às novas gerações a bagagem acumulada em séculos e séculos de vivência por essas terras.

Passado e presente se misturam, pois a cosmogonia, as histórias tradicionais não são apenas lembranças de um tempo remoto, ou explicações para entender o mundo. Elas norteiam os costumes, os rituais, até apontam o caminho. A busca pela Terra sem males Guarani teria incentivado as migrações desses povos do Norte para diversas partes não só do país, mas da América Latina. Trânsitos e territorialidades construídos a partir de um lugar em que o próprio tempo como o conhecemos seria diluído.

Para os Huni Kuin (Kaxinawá), o tempo pode ser dividido em cinco etapas diferentes: o Tempo da maloca, anterior ao contato e à invasão do branco; o Tempo da correria, o tempo da perseguição e da matança indiscriminada desses povos; o Tempo do cativeiro, em que muitos indígenas foram obrigados a trabalhar para fazendeiros e na exploração comercial da borracha; e por fim, o tempo atual, em que pelo menos parte das terras é demarcada, e há uma garantia mínima de direitos. Mais do que nunca, nesse tempo atual se faz necessário rememorar os anteriores, fortalecer as narrativas tradicionais, repassar o passado às novas gerações.

E é olhando para o passado que muitos povos reconstroem o futuro. Ultrapassando as falsas premissas brancas do "civilizado" e "não-civilizado", do "aculturado" *versus* o "selvagem", os povos entendem que recuperar e reinterpretar suas raízes, suas histórias ancestrais e seus costumes é sobretudo garantir sua sobrevivência em meio a tantas mudanças. Como um fenômeno complexo e em andamento, apresenta suas discussões, embates, contradições. No começo de sua carreira, o Brô MC's, primeiro grupo de *rap* indígena, encontrou resistências dentro de suas próprias comunidades, em especial dos mais velhos. Formado em 2009, com letras em português e Guarani-Kaiowá, o grupo usa essa expressão musical (por si só já carregada de história e luta) para valorizar, registrar e informar sobre sua cultura, e suas músicas podem ser encontradas em diversas plataformas digitais. Não só conseguiram grande aceitação com o passar dos anos, como abriram o caminho para diversos grupos de *rap* nativo, como o estilo é chamado pelos povos.

Passado e presente então se misturam, porque o que o mundo branco ocidental chama de "tempo mítico" - termo problemático, na medida em que considera como mito

apenas as narrativas que não as judaico-cristãs, essas sim alçadas a um degrau maior na hierarquia - organiza o presente e serve de norte para o futuro. Não parece haver aquela sensação de descolamento do passado que alguns historiadores apontam atualmente, já que o passado ancestral e também um passado mais recente, colonial, deixam suas marcas no dia a dia e se fazem presentes, mesmo que à revelia.

Passado e presente se misturam, pois, porque na enorme bagagem de conhecimentos ancestrais que esses povos carregam pode também estar parte de nosso futuro comum enquanto humanidade. Os povos indígenas, bem como outros povos com modos de vida tradicionais, como ribeirinhos e quilombolas, são conhecidos por viver em maior harmonia com a natureza, apresentando modos de vida e práticas que não implicam na exploração capitalista predatória do meio ambiente. Numa era de pandemia e emergência climática, outras formas de relação entre ser humano e natureza podem saídas para garantir um planeta habitável. E isso não implica necessariamente voltar a um passado sem tecnologias, negar as máquinas e a luz elétrica, como tantos grupos romântica ou sectariamente sonharam. Pode ser aprender e mesclar conhecimentos tradicionais e estudos atuais, a exemplo do que propõe a Agroecologia.

Nesse sentido, as formas de olhar o tempo indígenas nos convidam a refletir realmente sobre nosso passado - que afinal, é um passado comum como brasileiros, miscigenados e fruto das influências de diversos povos que somos -, e tentar buscar nele uma esperança que seja para o futuro. ▮

| Luiz Souza | “Retrato de GG Allin” | Técnica mista | 2022 |

UM HISTORIADOR O TEMPO PRESENTE O CAMINHO E A MÚSICA

Tiago Alves

♫ Nesse breve prelúdio, toco em algumas notas introdutórias, 1, 2, 3, 4, gravando ♬

No tempo presente, o uso estridente da tecnologia, a fratura temporal e a desafinação do altruísmo atentam contra a vida. Indivíduos tendem a perder o conjunto, tornando-se indiferentes com o humanismo de si e de seus iguais. Envoltos em seus egos, seres se brutalizam, se escondem em camuflagens de sociabilidade, evitando a sincronia da unidade, descompassando a harmonia vital e desarticulando os arpejos da sensatez. As cobranças se acumulam, atormentam a expressividade, SOMatizando desencanto, competição, confusão e isolamento. No trio

congestivo “hipervisibilidade”, “hipercomunicação” e “hiperpositividade”, sujeitos são tragados para uma descomunal reverberação de informações e impulsos. Numa ruidosa fragmentação, a atenção densa e contemplativa é distorcida, gerando uma desatenção descontrolada e dispersa. A não aceitação do tédio ou da frustração cria uma busca por “joinhas” numa superficial e artificial positividade de falsetes, criando uma latência na voz criativa. Num desarranjo de aflição, gera-se apenas repetição fatigante e passageira. E os dedos igualmente dedilham em busca dos mesmos estribilhos sem intervalos nem variações. Evita-se a síncope, o contratempo, o contraditório. Parece também que a fruição, o giocoso, o júbilo, o improviso e a liberdade escapam dia a após dia, criando uma sensação de descompasso com a vida e com as suas belezas. Não é mera casualidade que o campo das artes e das humanidades é tido como inútil por tantos para tornar-se diminuto diante da aceleração utilitarista e corporativa. O “trabalho” (serviço) tornou-se uma suposta virtude e o “jogo” (prazer) numa reprodução e pretenciosa espontaneidade. Aliás, a saturação de afazeres e a cobrança pelo desempenho têm tornado grave a “autoexploração” e aguda a falta de interrupção, amplificando a fadiga do corpo e da alma. E é no caráter crítico, livre e sem vínculos puramente comerciais que a história e a música contribuem com o enaltecimento das virtudes e da evolução civil/cultural das sociedades.

Interlúdio. Na sua essência, a humanidade fez e faz música pelo mesmo ensejo que dança ou pinta: para espalhar sentimentos, acordar emoções, trazer alegrias, desgostos, medos, esperanças, buscando tocar no outro as mesmas aspirações. Esse é o “jogo” da música: vazão e feedback. E a música está em tudo: na natureza, nos corpos, na linguagem, nos movimentos, na memória, no

pensamento, nos objetos, tudo possui sons, ritmos, melodias, harmonias e ruídos. Basta ser recuperada. O silêncio, raro nas urbes, também é musical: a interrupção precede o som, não há música sem silêncio. E a música precisa de tempo, precisa percebê-lo, elaborá-lo, refleti-lo, ponderá-lo, pensá-lo (Ver: Manifesto da Gang do Lixo). A música é a arte do tempo, precisa dele para acontecer, auxiliando na própria percepção acerca de passado-presente-futuro-eternidade. Tens tempo? Pare, respire, retorne! Se preferir, destrua o metrônomo...

No Século da ansiedade e da depressão, a pressa, a agonia, o adiamento, o atraso, são caminhos que impedem o agora. Ao ir ao encontro de um instrumento musical, tocando-o, escutando-o, descobrindo-o, sem normas ou preceitos estéticos, o tempo é valorizado. É uma brincadeira com os sons sem uma finalidade, como se dançasse para não chegar a um lugar particular do chão. Libertar os sentidos, equalizar o humor, descobrir os íntimos ritmos, mixar as emoções com a razão, anular a busca por recompensas, viver o presente. Nem antes nem depois, hoje. Presentear-se! A força da música está na sua facilidade em tocar o espírito, fugindo da exegese. É também uma expressão porque tira a pressão de dentro para fora. E o deleite da música está também na arte de saber escutar, o que é diferente de ouvir. Num ambiente de pretensas verdades absolutas, mentiras intencionais, frivolidades e inconsistências, escutar significa transpor a atenção de forma graciosa e cuidadosa, compreendendo aquilo que se ouve sem necessariamente ter que concordar. O poder do diálogo, tão poluído e difuso atualmente, também está nessa conexão.

Últimos temas. Infelizmente a comparação criou um véu para que indivíduos abandonassem a aspiração de tocar. A música ganhou uma aparência sacramental, ídolos tornaram-se mitos e os instrumentos monstros intocáveis. Não existe uma técnica perfeita, o que há é o ato de

se por em movimento, tornando-se água, fluindo. Isso também quer dizer que é preciso, conforme pensou Bruce Lee, absorver o que for útil, descartar o que não for, e adicionar o que é exclusivamente seu. Assim, técnicas, métodos, paradigmas, são aberturas, não o fim. A cobrança comparativa, o fardo dos pré-julgamentos e o receio de ter múltiplas identidades tornam-se acidentes criativos e incidentes evolutivos. Aventure-se, se recicle! Pois bem, seguindo o andamento: meu acorde é formado por história, música e arte marcial. No ofício de historiador, procuro vislumbrar conhecimentos, aguçar o apetite pela pesquisa, lançando luz sobre a escuridão. A investigação histórica também tem ampliado meu conhecimento sobre saberes e fazeres musicais de outros povos; Para moldar minha existência na terra e lidar com minhas sombras, uso a arte marcial. Foi no tatame que repensei a noção linear de música, sendo atraído pela música cíclica. Tal abordagem é bálsamo para peças mais meditativas, permitindo que a musicalidade e a própria vida tenham retornos, sem ter que obrigatoriamente chegar a lugar algum ou ter começo, meio e fim. É continuidade, permanência, paciência, persistência; E vivendo a música como minha musa, durante a pandemia criei o projeto The Rikaishiau Experience (rikaishiau significa compreensão mútua). Tem como concepção a busca pelo caminho (Do), a valorização da pesquisa de gêneros e instrumentos musicais do mundo, numa tentativa de mixar a música ocidental e oriental: uma fusão de tempos e culturas. É instrumental, experimental, *world music* com o "jeitinho" brasileiro. Inclusive, comecei a exercitar a possibilidade de pensar temas históricos e musicá-los. O tema "O Cerco de Lisboa" (está no segundo álbum) musicou o fim da convivência entre judeus, árabes e cristãos em Portugal, um exemplo de dissonância que continua ecoando, basta ouvir a incompreensão dos tempos atuais. 1, 2, 3 *coda*: aumentar o volume dos

canais da espontaneidade, amplificar sonhos, conhecer sonoridades, elevar a batida rítmica do coração, diminuir a tensão das máscaras defensivas e das lábias verbais. Apegar-se à natureza, ao princípio holístico, elevar-se pelos tons da engenhosidade. Tais vozes ressoam no meu repertório de sonoridades para desviar dos reveses do embotamento, do insulamento, da desilusão e da falsa pós-verdade. A desarmonia não será interrompida sem esforços de uníssona consciência. E a vida é curta, não dá pra ter afobação, porém, não se pode perder a cadência. Finalizo com um legato entre história e música: se Peter Burke nos recorda que a função do historiador é lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer, Victor Hugo teria dito que a música é o verbo do futuro. Espero ter te inspirado.

Segue o baile... ▌

SISTEMA NEURASTÊNICO

Marília Lila

AUXÍLIO EMERGENCIAL

Organizou o desnecessário

acumulou o perecível

confiando que o tempo dava solução

Lhe concederam o direito

ao próprio vazio

adubado com dedicação

Nem maior nem menor

apenas total

AGENDA PROATIVA

Agarrar-se em dobras de vida

Esquecer a peste

Meter na miséria carimbo de carma

Desconhecer violência quebrando dentes

de quem verga

Discutir teórico-metodologicamente

a máxima do parágrafo quinto

Conciliar

Trabalhar a distância

Fazer pão

Fazer de conta

Beber água

Exercitar-se

Sorrir

Pendurar-se do teto

Até o dia findar

sem riscar vestígios

LEI DE SEGURANÇA NACIONAL

Planta gritos

no cimento, no ferro e no aço

no estrondo de portas

na aflição de ferrugem

nos fios elétricos e nas violações

Planta gritos

que ecoem ondas pela cidade

como registros do sinistro

em que muitas caíram

durante um bocejo do mundo

Planta gritos

que adubem alertas infinitos

consertem a rudeza

e esmaguem

o terror que toma corpo

no orgulho da faina

na falácia da ordem

na letargia cotidiana

NO PRÓXIMO BLOCO

Espia noticiário como se comesse serragem às colheradas. Estatística, gráfico, porcentagem. Comparações com o mesmo período do ano passado. Do mês passado, da semana passada, deste minuto. Comparação de tudo com qualquer coisa, com nada. Cacofonia.

CONDOMÍNIO FECHADO

Vida lixo

chão de mármore - “bárbaro!”

Cidadania é reforma no banheiro

ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

Pessoa arrisca saídas, retorna
com amostras de mundo e de vidas
alheias. Coleta furtivamente,
depois organiza com método
porções inertes e sem conexão,
pois o que se extirpa *in vivo*
não rende faíscas nem projeto de
vida; fenecimento. Mas Pessoa
enxerga no resquício que desbota
um arremedo de existência - sua
razão para continuar, sem pausa.

SÍSIFO

Tenho me dado cansaços erguendo
coliseus já em ruínas.

ÁRVORE GENEALÓGICA

Pasmaceira dedicada
ao acúmulo de planos
bem traçados
para acabar no pó
Protelando para ontem
o clã manufatura estrondos
bate portas e castiga os cantos
da mesma parede onde confina a prole
que se amotina
Quer ecoar nas vidas alheias
a economia da existência em órbita
sempre esperando o dia-em-quê
debatendo-se muito
para materializar inércia
Temendo descidas abissais
e pressentindo deriva solitária
inevitável
a sagrada família atira
âncoras
sobre quem desgarra

A GANG DO LIXO pensa que...

O Brasil acabou como projeto cultural em 1968.

A utopia acabou como horizonte revolucionário em 1968.

É necessário recomeçar tudo.

É necessário recomeçar tudo de novo.

Voltemos às raízes das coisas.

Sejamos radicais.

Retornemos anacronicamente a 1968.

A GANG DO LIXO quer...

#rever68

#rever68

#1968

#rever1968

#1968

#rever1968

#1968

#1968

Revista de ARTE Contemporânea

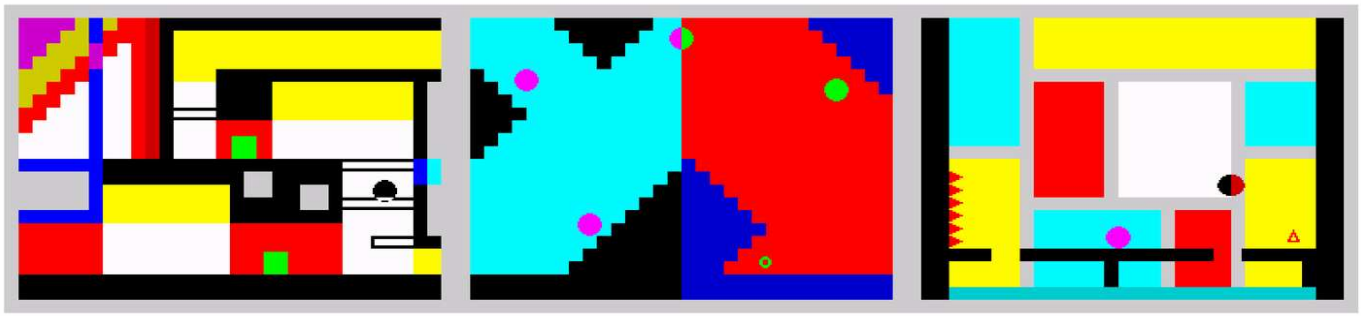
é uma publicação periódica, mas não sistemática, do grupo GANG DO LIXO.

Coordenação Editorial: Luiz Alberto de Souza e Paulo Andrés de Matos Villalva

Colaboradores desta edição: André Luiz / Andressa Marzani / Aurora Miotto / Fabiano Garcia / Filipi Veiga / Gelcy Coelho (Peninha) / Luiz Alberto de Souza (Judas Capiango) / Márcio Roberto Fernandes / Marília Mezzomo Rodrigues / Paola Miotto / Paulo Andrés de Matos Villalva (Amaweks) / Tiago Alves.

Redação:

revistaanacronia@hotmail.com

JOGO

VÍDEO